

OUTUBRO, 2019 | EDIÇÃO #15 | APERIÓDICO

# BLOCO MÁGICO

BOLETIM DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE



**CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE**  
25 anos  
FUNDADO EM 1994

# IX

ENCONTRO NACIONAL  
COLÓQUIO INTERNACIONAL

## O MUNDO E O iMUNDO

a psicanálise diante do horror

14 a 16  
NOV  
2019

RIO DE JANEIRO  
LAPA | HOTEL VILA GALÉ

informações e inscrições  
[www.corpofreudiano.com.br/nonoencontro](http://www.corpofreudiano.com.br/nonoencontro)

design gráfico: Paula Maranhão :: escultura: Weber Lano. Sem Título (da série 1+1+1), 2019. ...

IX ENCONTRO NACIONAL  
e  
IX COLÓQUIO INTERNACIONAL

■ 3

CRONOLOGIA  
DO HORROR

■ 7

Marco Antonio  
Coutinho Jorge

PSICANÁLISE,  
XENOFOBIA:  
algumas reflexões

■ 24

Betty Bernardo Fuks

*E mais...*

# EDITORIAL

Como sabemos, em breve teremos a realização do IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – O Mundo e o Imundo a Psicanálise diante do Horror. Ensejo que motiva o Bloco Mágico de nº 15, edição especial dedicada à publicação de textos afinados aos eixos temáticos do evento.

Na presente edição, a leitura das matérias nos convida a refletir sobre os momentos atuais de estranheza, hostilidade e de decadência de valores humanistas que emergem sobejamente, não admitindo lugar para o reconhecimento da diferença, do outro. Atualidade em que passado e tempos sombrios agora se repetem – é a pulsão de morte em sua pujança. Contemporaneidade compartilhada e representada por Freud, Lacan e Alain Didier-Weill – tão bem ilustrada como denota as epígrafes da Convocatória de nosso evento.

Para contribuir com as temáticas do Encontro, Marco Antonio Coutinho Jorge compartilha com os leitores breves escritos produzidos no período de 2005 a 2019 e reunidos sob o título *Cronologia do horror*. Como nos diz o autor, “foram escritos no rastro do impacto produzido por eventos violentos ocorridos no Rio de Janeiro, no

*Brasil e no mundo. Encontram agora a ocasião para virem à luz.”* Certamente tal leitura permite examinar nossas inquietações, estupor e desesperança frente a tanta barbárie e à indiferença do sujeito com seu semelhante. Trata-se, pois, de uma leitura que aponta para as relações do sujeito com o outro e com seu entorno não mais mediatizado pelo simbólico.

Na sequência, Betty Bernardo Fuks, psicanalista e ensaísta, nos contempla com o texto *Psicanálise, Xenofobia: algumas reflexões*, escrita que nos atualiza quanto ao papel da Psicanálise e à importância de Freud em sua condição de judeu vienense da diáspora. Nas palavras de Fuks, além da constituição da prática e da teoria psicanalítica, Freud foi quem “traçou estratégias de tolerância à alteridade e de combate às resistências da Psicanálise.” No decorrer da análise, a autora enfatiza a questão da homofobia que, juntamente ao antissemitismo e ao antifeminismo, tornou-se alvo privilegiado da ideologia nazista.

Também nesta edição, destaca-se a atividade promovida pelo Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro: *Do armário às ruas- 50 anos de Stonewall*.

Indicamos, ainda, que as programações e atividades das Seções e Núcleos do Corpo Freudiano encontram-se disponibilizadas no site da Escola e também nas respectivas páginas oficiais de *Facebook*.

Desejamos a todos excelentes leituras e articulações!

Rio de Janeiro, outubro de 2019

TANIA ROSAS  
Editora

## BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editora: TANIA ROSAS

Equipe: CASSIA AMARA AZEVEDO, MACLA NUNES, MARIA CECÍLIA SOUSA E THOMAS SPERONI

Secretaria de Publicações: TANIA ROSAS

[blocomagico@corpofreudiano.com.br](mailto:blocomagico@corpofreudiano.com.br)

## CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

[contato@corpofreudiano.com.br](mailto:contato@corpofreudiano.com.br)

[www.corpofreudiano.com.br](http://www.corpofreudiano.com.br)



### BRASIL

#### SEÇÕES

Belém (PA)  
Campos dos Goytacazes (RJ)  
Cuiabá (MT)  
Fortaleza (CE)  
Goiânia (GO)  
Imperatriz (MA)  
Rio de Janeiro (RJ)  
São Luís (MA)  
Teresina (PI)

### NÚCLEOS

Barra Mansa (RJ)  
Dourados (MS)  
João Pessoa (PB)  
Macaé (RJ)  
Nova Friburgo (RJ)  
São Paulo (SP)  
Teresópolis (RJ)  
Vassouras (RJ)

### FRANÇA

SEÇÃO  
Paris

### ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO  
Boston

# CONVOCATÓRIA

## O MUNDO E O IMUNDO

### A psicanálise diante do horror

*Vivemos numa época muito estranha e constatamos,  
com surpresa, que o progresso se alia à barbárie.*

Sigmund Freud

*Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio  
numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação.*

Jacques Lacan

*O imundo não é senão a persistência de um caos que,  
rebelde ao poder encadeador da palavra,  
subsiste como mundo desencadeado, enfurecido.*

Alain Didier-Weill

O ensino de Jacques Lacan denunciou que o ódio, presente no discurso contemporâneo, se recobre de muitos pretextos. Disfarçado em racionalizações banais, que se prestam à disseminação, o ódio almeja, para além da morte, a destruição do ser. Numa carreira sem limite, o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do outro, mas persegue o aviltamento do ser e a difamação do nome próprio. Eis o modo pelo qual as invasões bárbaras, manifestadas sob a forma do ódio, anulam o poder da palavra. Assim o imundo reina sobre o mundo – violência sob variadas formas – xenofobia; tortura; assassinato; guerras étnicas, políticas e religiosas – em suma, o horror à diferença prevalece quando o imaginário aprisiona o simbólico.

Como nós psicanalistas, nos situaremos hoje diante desse imaginário selvagem, regido por um gozo sem limites, nomeado de segregação por Jacques Lacan?

Em uma carta redigida em 1932, Albert Einstein pergunta a Sigmund Freud se existe alguma maneira de evitar que a humanidade seja devastada pela guerra. Freud responde que isso não é possível, devido à natureza das pulsões humanas: se as pulsões sexuais tendem à unificação e representam o esforço de viver, a pulsão de morte, presente em todos nós, visa o

aniquilamento. A última frase de sua carta é um verdadeiro apelo: “Tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra.”. Lacan reafirma com veemência o chamado de Freud ao processo civilizatório e assevera que toda “formação humana tem, por essência, e não por acaso, a função de refrear o gozo”.

Segundo Alain Didier-Weill, há dois modos de comparecimento do real no mundo: a natureza, que comparece como o real que nos fala e nos faz poetas; e o real do caos, que só chega até nós através do silêncio absoluto. Dejetos do mundo, avesso do simbólico, o real do caos é o reino da profundidade enigmática. Na aurora do terceiro milênio, ele pergunta: o que resta para o homem ao constatar que todos os ideais esperados faliram?

Venha participar do IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, em que vamos refletir juntos sobre a invasão do Imundo no Mundo de hoje.

Denise Maurano

Heloneida Neri

Macla Ribeiro Nunes

Marco Antonio Coutinho Jorge

Nadiá Paulo Ferreira

Tania Rosas

# EIXOS TEMÁTICOS

- Conexões e desconexões: redes e mídias
- Incidências atroztes da ciência e da religião
- Toxicidades
- O estranho, o estrangeiro e os movimentos migratórios
- A clínica psicanalítica em situações extremas
- Clínica na diversidade
- A questão do sujeito e os direitos do homem
- Guerra e paz: turbulências do gozo
- Neutralidade, abstinência e negligência no ato psicanalítico
- Dissonâncias do amor
- Ódio nos laços sociais
- O real na formação do psicanalista

## PALESTRANTES

- Ana Petros – Tucumán/Ar
- Betty Bernardo Fuks – Rio de Janeiro/RJ
- Betty Milan – São Paulo/SP
- Denise Maurano – Rio de Janeiro/RJ
- Jean-Michel Vivès – Toulon/Fr
- Laeria Fontenele – Fortaleza/CE
- Malvine Zalcberg – Rio de Janeiro/RJ
- Marcelle Esteves – Rio de Janeiro/RJ
- Marco Antonio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro/RJ
- Mario Eduardo Costa Pereira – São Paulo/SP
- Nadiá Paulo Ferreira – Rio de Janeiro/RJ
- Paola Mieli – Nova Iorque/E.U.A.
- Paolo Lollo – Paris/Fr
- Patrick Landman – Paris/Fr
- Sonia Leite – Rio de Janeiro/RJ
- Urania Tourinho Peres – Salvador/BA

# CRONOLOGIA DO HORROR

Por MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE

Essa cronologia do horror reúne textos breves escritos ao longo dos últimos quatorze anos, todos inéditos, exceto A celebração da lei, publicado no caderno “Eu e Fim de semana” do jornal Valor Econômico<sup>1</sup>. Foram escritos no rastro do impacto produzido por eventos violentos ocorridos no Rio de Janeiro, no Brasil e no mundo. Encontram agora a ocasião para virem à luz, no ano do IX Encontro Nacional e IX Colóquio Internacional do Corpo Freudiano sobre O mundo e o imundo: a psicanálise diante do horror.

## 2005: PERGUNTAS SEM RESPOSTA

Estamos às vésperas do Natal de 2005 e nos perguntamos: como é possível comemorar o nascimento do menino Jesus, Cristo redentor, quando várias pessoas são feridas gravemente ou mortas, entre as quais um bebê, carbonizado, nos braços de sua jovem mãe, num ataque contra simples trabalhadores promovido por bandidos com o intuito de – para nosso estupor – se vingar da polícia pela morte de um traficante? Quem nos relata os detalhes, sem culpa ou remorso, é esta adolescente de treze anos, que comandou a façanha cujo objetivo era matar, queimando-os vivos, todos os passageiros. Quem é essa jovem e seus

comparsas que parecem sair da pré-história para conviver com a humanidade?

Por que essa bebezinha, chamada Vitória Cristina Barbosa de Oliveira, não pôde viver mais do que um ano e foi arrancada da vida tão cedo por um tenebroso acaso que lhe lançou subitamente à barbárie da qual não tinha qualquer meio para se defender? Por que sua mãe, Wânia Lúcia Barbosa, não pôde – como Maria, cuidar e amar aquele que seria o salvador – proteger seu bebê e a si mesma da violência que irrompeu como que vinda subitamente do inferno e transformou seu colo caloroso numa chama incandescente? Por que mãe e filha, morreram juntas, indefesas, sem qualquer motivo, sem qualquer causa, sem qualquer misericórdia?

Como poderá viver daqui para frente esse pai, Rogério Mendes de Oliveira, que, desesperado, viu tudo e não pôde fazer o que um pai faz, defender sua mulher e a sua prole? Que tamanha dor é essa que ele sente agora e que podemos apenas pressentir em nossa condição de espectadores atônitos, embora tão desesperados quanto ele, ainda

<sup>1</sup> JORGE, M. A. C. (2006). Efusiva e exemplar celebração da lei. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 299,

16,17 e 18 de jun. 2006. “Caderno Eu & fim de semana”, p. 13.



que não tenhamos perdido nossa mulher e nosso bebê, mas, sim, nossa esperança?

A pior dor é a perda da esperança de que possamos vislumbrar um mundo melhor para os brasileiros. Ela queima como o fogo do ônibus 350 e nos retira toda a alegria de que seríamos capazes caso não tivéssemos tido nossa alma devastada por este e outros episódios. Nesse Natal de 2005, sentimos horror, tristeza profunda, desamparo, angústia avassaladora, total desesperança. Sentimos, de uma só vez, todos os sentimentos mais dolorosos de que somos capazes em nossa humanidade. Não temos qualquer motivo para comemorar.

No entanto, a cidade está preocupada com o seu embelezamento. A árvore de Natal implantada anualmente dentro das águas da Lagoa Rodrigo de Freitas, cada vez maior, mais bela, mais rica e feérica, atrai multidões para verem seu complexo espetáculo diário, agora acompanhado por um chafariz sincronizado com luzes. Os prédios são delicadamente iluminados de forma ornamental e concorrem a prêmios organizados pela Prefeitura. As árvores são enlaçadas por minúsculas lâmpadas que dão mais vida a seus troncos. A beleza parece invadir todos os espaços.

Mas o que falta à nossa cidade não é beleza, pois isso ela esbanja. Ela não necessita de qualquer adorno. Suas árvores naturais – as que restam da devastação da Mata Atlântica – já são únicas e perfeitas. A Lagoa – apesar do descuido a que é submetida como, de resto, toda a cidade – é, por si mesma e sem qualquer adereço, um espetáculo deslumbrante para os olhos. Em nossa cidade dita com razão maravilhosa, a beleza é tão comum! Por que querer mais beleza

então? Por que tantos enfeites? Será que eles vêm encobrir o que de fato nos falta?

Embora Cristo mantenha seus braços abertos lá no alto do Corcovado, num gesto simples, mas profundamente simbólico, concebido pelo escultor brasileiro Heitor da Silva Costa, que consegue transfigurar a dor da crucificação na comunhão do amor, aqui na cidade, nós, cidadãos, seguimos a Via Crucis diariamente. Quando esse gesto será convertido em realidade?

A desesperança é, no fundo, política. Quando será possível termos uma democracia em que a participação dos eleitores não se limite a emitir um voto num dia, para depois sofrer calados quatro anos seguidos? Será possível um dia termos uma democracia na qual seja possível julgar os governantes, quando eles faltarem com as obrigações a que se candidataram, condenando-os a duras penas pela falta de amor pelo seu povo? Quando será possível termos, no lugar desses governantes, pessoas que compartilham de nossa humanidade e não visam apenas seus próprios lucros e interesses imediatos, para que cuidem da população de modo a evitar que nela se desenvolva, como um câncer incontrolável, a fúria assassina que pode facilmente se apossar de uma criança, transformando-a num bárbaro sanguinário, quando ela não tem condições mínimas de amor e de dignidade para viver e sobreviver? Quando acontecerá que uma preocupação humana verdadeira tome posse nos planaltos e nos palácios de governo em nossa cidade e em nosso país, honrando de fato um povo que insiste em afirmar diariamente que Deus é brasileiro?

São essas perguntas sem resposta, entre muitas outras, que nos vêm nesse tristíssimo Natal carioca de 2005.

## 2005: O QUE VOTAREMOS REALMENTE EM 23 DE OUTUBRO?

Diante da verdadeira pletera de manifestações a favor do voto “Sim”, seguida pouco depois por outras numerosas manifestações a favor do “Não”, no dia 23 de outubro próximo, no referendo sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições no território nacional, cabe perguntarmos com honestidade: o que votaremos de fato neste dia?

Pergunta cuja resposta pode decidir uma certa posição a defender por cada um de nós. Eu, que não tenho qualquer dúvida sobre a necessidade de votar “Sim”, parei para me perguntar por que pessoas que acredito que pensam como eu defendem o “Não”.

Estaremos votando – desejando, pois o voto é, antes de mais nada, aspiração, desejo – a favor da vida, pura e simplesmente? Não seria de surpreender, pois este é um argumento que vai direto ao ponto: esta invenção humana chamada, não sem motivos, de “arma-de-fogo” é absolutamente hedionda e seres pacíficos e civilizados não conseguem entender o porquê de sua existência na face da Terra. A arma de fogo é a materialização da covardia, com ela o homem adquire um poder que ele não tem. Armado, esbanja onipotência e, covarde, distribui impotência e humilhação – quando não morte.

Todos os que, como eu, defendem que se responda “Sim” argumentam de uma

maneira tal que somos levados a concluir que “é claro que só há uma resposta possível: somos radicalmente contra o favorecimento do crime passional, do acidente com armas de fogo, da perda estúpida de vidas, do aumento da banalização da violência, já tão espalhada na sociedade”.

O estranho é que alguns de nós vamos votar “Sim” pelos mesmos motivos que alguns de nós – não todos – seremos levados a votar “Não”: todos nós queremos algo que não se viabilizará de modo algum com esta votação. Pois, de fato, o que todos queremos é poder sentir um mínimo de segurança nas ruas e em nossas casas, sem que uma bala dita “perdida” nos atinja ou a alguém que amamos. Sem que sejamos assaltados por traficantes nos famosos “bondes” ou em falsas blitzes. Queremos poder ter uma vida na qual a arma de fogo não seja estampada na nossa cara a cada dia – senão a cada momento – e a possibilidade da morte se torne tão corriqueira que seja preciso que andemos armados até os dentes. O “Sim” e o “Não” raramente estiveram a favor das mesmas coisas como nesse caso.

## 2006: A CELEBRAÇÃO DA LEI

O que é o futebol? Tal pergunta, colocada nas vésperas da Copa do Mundo em que o Brasil aspira ao hexacampeonato, parece sem sentido. Contudo, assim como Roberto DaMatta já mencionou, no campo da sociologia, o “mistério” do futebol, para a psicanálise é um grande enigma que pede investigação: o futebol é um poderoso fenômeno de massa.

Pois a cada semana, em todas as partes do mundo, milhares de pessoas, na grande maioria homens, se comprimem em

estádios, muitos verdadeiramente faraônicos, construídos exclusivamente para esse fim, para torcer por seus times e, mais esporadicamente – mas também com maior intensidade –, por seu país. O som produzido nos estádios, de uma qualidade inigualável pelo de qualquer outro conglomerado humano, pode ser ouvido a distância. Em absoluto uníssono, urros, gritos, exclamações, imprecações são produzidos pelos torcedores de modo absolutamente surpreendente, colocando questões fundamentais: o que é, de fato, o futebol? O que ele coloca em cena? O que ele mobiliza? Para a psicanálise, a questão é, no fundo: de onde vem a força desse esporte para reunir multidões, arrancar tantas emoções e despertar tanta fala entre os sujeitos? De onde vem essa violenta paixão?

Algumas coisas do futebol já sabemos com a psicanálise. Sabemos que o esporte, em geral, proporciona uma intensa forma de satisfação, ao colocar em atividade o aparelho motor e oferecer-lhe condições ótimas para descarregar a agressividade. Dito de outro modo, a agressividade é inerente a todo esporte e pode ser bem evidenciada no futebol ao estudarmos a sua linguagem, francamente bélica: ataque e defesa, capitão, artilheiro, tática, barreira etc. Cada jogo é a representação alegórica da guerra. *O amor e a guerra são o sal da terra*, já dizia o poeta.

O time é um minixército que visa a conquista da vitória. Fala-se de tiro de meta, petardo e canhão (para designar chutes poderosos), de poder de fogo do time etc. Os exemplos são intermináveis e a linguagem futebolística evidencia, com todas as letras, que, inconscientemente, nesse esporte, a guerra comparece velada, traduzida nas exigências da cultura humana. Há alguns

anos, a figura da morte, que jamais comparecera no jogo, se tornou presente, enfim, com a nova regra da “morte súbita”. Mas ela durou pouco tempo. Tudo indica que a “morte súbita” escancarou demais os desígnios destrutivos inconscientes inerentes ao futebol. Ela foi substituída pelo “gol de ouro”.

O jogo de futebol constitui, de fato, a sublimação das forças (chamadas pela psicanálise de pulsões) de dominação e agressão inerentes ao humano, e as coloca em cena sob uma forma civilizada, passível de ser admitida para que haja convívio entre indivíduos, assim como entre povos. Tal afirmação encontra sua confirmação na manifestação oposta – infelizmente cada vez menos episódica - dos fenômenos de violência entre torcidas, dos quais os *hooligans* ingleses constituem o bárbaro paradigma, e entre jogadores. Pois a sublimação das pulsões agressivas e sexuais não pode ser total (este é um dos axiomas da psicanálise), elas exigem sempre uma parcela de realização direta corporal de satisfação.

Mas temos uma hipótese que vai um pouco mais longe. Segundo ela, o futebol é, no fundo, a celebração da vigência da Lei humana. É o juiz que, entre os jogadores, conduz a partida e as possibilidades que esta apresenta; é ele quem, invisível (ninguém olha para ele), sem tocar na bola (ele a evita), dá a ela todo seu sentido (inicia e encerra o jogo, o interrompe se achar necessário, valida ou não o gol) e emoldura o quadro no interior do qual todo o jogo se desenrolará. É com referência a ele – presença materializada da Lei em campo, com sua austeridade, seu apito e cartões amarelos e vermelhos -, que os homens se conduzem

para conquistar a vitória. A vitória é buscada, mas deve ser obtida dentro da Lei.

Não seria essa efusiva celebração da Lei o que faz com que o futebol encontre no Brasil sua máxima expressão? Num país onde a Lei, em suas mais diferentes dimensões, parece redundar eternamente em fracasso, os homens bons parecem denunciá-lo ao encontrar no futebol o espaço para celebrá-la em toda sua plenitude e vigor.

Isso pode ser uma fecunda indicação para nossos (poucos) políticos que almejam bem-estar social verdadeiro: criar projetos que mobilizem pelo menos parte da enorme energia posta em ação com tanto entusiasmo – quando se trata do jogo de futebol, pelos jogadores, times, torcidas – no sentido de ações coletivas urgentes. Pois eles, ao celebrarem periodicamente a Lei nos jogos, demonstram que sabem, ainda que inconscientemente, até aonde se pode ir para se conseguir o que se deseja. E isto é a essência da Lei humana. E, por enquanto, algo que no Brasil é raro, a não ser nos domínios desse belo e exemplar esporte.

O poder Legislativo, ao fazer as leis, os juízes, ao aplicarem-na, os promotores, ao fiscalizarem a sua aplicação e os advogados, ao defenderem os sujeitos, deveriam igualmente tomar este exemplo do povo brasileiro e aprender com ele a celebrar a Lei cotidianamente.

Conforme nos mostraram Freud e Lacan, a língua nos ensina muito sobre o que se passa no inconsciente. Um país no qual a palavra *legal*, segundo o Dicionário Houaiss, além de algo relativo à lei do âmbito propriamente jurídico, tem um uso informal que “qualifica pessoas ou coisas com atributos positivos: belo, bom, amável,

compreensivo, interessante, curioso, justo”, apresenta problemas evidentes com a lei. Sem substância real no cotidiano, resta à lei ser um adjetivo de uso coloquial, invocado por cada cidadão algumas dezenas de vezes por dia. Inexistente enquanto força social a ser entronizada coletivamente, a lei é pulverizada na fala de cada um como uma constante e impossível aspiração.

## 2007: UMA MORTE EMBLEMÁTICA

Dou-me conta de que as três histórias mais terríveis de que tenho notícia envolvem todas elas a morte de uma criança. Uma, narrada com estupefação por um amigo, Alain Didier-Weill, que tinha acabado de voltar de uma viagem à Índia, é aquela da criança pequena que, numa certa localidade, foi arrancada de um passeio de mãos dadas com os pais por uma águia e levada embora para sempre. A angústia dos pais, a consternação e o luto do vilarejo onde isso ocorreu eram indescritíveis.

Outra, narrada por Elie Wiesel, em seu livro *Night*, sobre o dia em que um menino – um “anjo de olhos tristes” -, foi enforcado pela Gestapo, em Auschwitz, diante do olhar dos milhares de prisioneiros, obrigados a presenciar sua morte. Wiesel conta que à pergunta por todos colocada “Onde está Deus agora?”, ele respondera em seu íntimo: “Aí está Ele – ali, pendurado naquele patíbulo”. Executar friamente um inocente significa matar a própria inocência.

A terceira, foi a morte do menino João Hélio Fernandes, arrastado por um carro dirigido por adolescentes no Rio Janeiro. Das três, a que mais me horroriza é a última, porque ocorreu neste início de 2007 e na mesma

cidade em que eu vivo. E também porque se trata de uma morte emblemática.

Fui à Missa de Sétimo dia do menino morto barbaramente. Foi a maneira que encontrei de aliviar um pouco a insuportável dor que sentia pela tragédia. Um amigo que foi comigo levou a bandeira do Brasil que guardava desde a Copa do Mundo e lá entregamos a bandeira aos pais e irmã de João Hélio e dissemos a eles que guardassem esta bandeira para sempre, pois ela simbolizava a dor que o país inteiro sentia. Era preciso dizer alguma coisa, fazer algo, dar a mão a eles.



Dentro da Igreja da Candelária, fiquei de pé na frente, próximo à família do menino mártir, e pude ver de frente a comoção estampada no rosto das pessoas. Muitas vestiam camisetas com fotos e nomes de muitos outros jovens e crianças mortos em situações semelhantes, igualmente vítimas da violência descontrolada que acomete a cidade. A multidão urrava de vez em quando *“Justiça!”*, *“João!”*. A maioria chorava. Muitos se aproximavam e abraçavam os membros da família, dispostos na primeira fila. O Governador Sérgio Cabral entrou antecedido por um forte corpo de segurança. Foi fortemente vaiado ao ter anunciada a sua presença. Fez uma rápida declaração e se retirou, não permanecendo para a missa.

Surpreendeu-me a presença escassa de pessoas na missa e na passeata que se seguiu, da Igreja até a Cinelândia. A Igreja estava lotada, é fato, mas eu esperava muito mais gente, imaginava que a cidade estivesse inteiramente congestionada e que uma multidão fechasse todas as ruas de acesso à Avenida Presidente Vargas. Afinal, a gravidade do fato pedia isso. Na passeata, as centenas de pessoas que saíram da Igreja e entraram na Avenida Rio Branco entoavam os mais diferentes gritos: *“So-cor-ro!”*, *“Jus-ti-ça!”*, *“Senhor Governador, chega de horror!”*

O grito que mais me emocionou foi: *“Não vai ser em vão a morte do João!”* Mas as pessoas gritavam também chamando para participar da manifestação as outras que, nas calçadas, olhavam o desfile como se fosse algo que não tivesse a ver com elas. Os membros da passeata gritavam e acenavam para os transeuntes, gesticulando com os braços, chamando-os a participar: *“Você aí parado, também é assaltado!”* Paradas, as pessoas observavam com um misto de receio e de curiosidade. Inquietante a sensação de que a maioria aparentava nem mesmo saber do que se tratava. Ninguém aderiu ao cortejo inflamado, fazendo-nos diagnosticar na população carioca um quadro agudo de ataraxia. A passeata vociferava às vezes: *“Cadê os cariocas?”*

A morte emblemática de João nos faz pensar sobre muita coisa. Na missa, intuindo o ódio que se insinuou rapidamente no coração da multidão, os padres enfatizaram a necessidade de não combater a violência com violência e apelaram à justiça divina e proclamaram o amor. A palavra *“paz”* foi enunciada dezenas de vezes. Ela é o lema ao qual se agarram todos, mostrando que nessa hora é preciso arranjar um poderoso dique para conter nosso ódio. Devastada

pela dor, a irmã de João Hélio disse, contudo: *“Para estes criminosos a pena de morte é pouco”*.

A morte de João Hélio nos faz, em contrapartida, pensar igualmente sobre o valor da vida. O caráter sagrado da vida. Não é à toa que o primeiro mandamento enuncia: *“Não matarás”*. Pois sendo a morte irreversível, matar é eliminar a diferença do outro de modo radical. Como afirma Lacan, *“a dimensão intolerável oferecida à experiência humana, não é a experiência da própria morte, que ninguém tem, mas a morte de um outro”*<sup>2</sup>.

O que espanta nos debates que se seguiram à chacina do menino é a preocupação que parece incidir somente sobre os bandidos; mas será que alguém consegue imaginar o que sentiu João Hélio ao ser arrastado pelo carro até morrer?

A morte de João Hélio é emblemática de uma situação deplorável em que nos encontramos no país: falta de lei e de governo. É um salve-se quem puder: ao serem roubados, mãe e filha saltaram do carro, mas o menino ficou preso ao cinto e foi arrastado. É como estamos todos nós brasileiros nos sentindo: crianças indefesas, arrastadas pela violência e sem chance de nos desvencilharmos dela, esfolados pelo banditismo desenfreado presente, em primeiro lugar, nos poderes públicos e, como reflexo imediato, na população.

Mas por que, ainda assim, é preciso entender que, quando aquele que nos fez mal nos suscita ódio, responder com violência a ele

não é adequado? A resposta da psicanálise não é pela via do amor universal tornado obrigatório, mas, sim, pelo simples fato de que a vingança não permitirá que a irreversibilidade do ato cometido seja desfeita: condenar o assassino à morte não trará à vida àquele que amamos e que de nós foi arrancado brutalmente. Isso, por si só, barra nossa sede de violência e nos traz de volta imediatamente ao nosso insuportável sofrimento: quer dizer que nada poderá aliviar a nossa dor?

É isso que mais horroriza nesse e nos outros episódios de crimes que estamos vivendo no Rio. A impossibilidade de que o menino João Hélio volte a sua vida e tenha, como nós tivemos, a possibilidade de desfrutar das outras etapas da existência humana. Ele não conheceu a adolescência com seus medos e ousadias; não conheceu as dificuldades e as angústias ligadas à escolha profissional e à vida adulta; não viveu a paixão amorosa e seus abismos insondáveis. Sua vida limitou-se àquele breve salto do peixe no mar que, por alguns átimos de segundo, vê a vastidão do mundo, mas rapidamente retorna a ele. Sua vida foi excessivamente breve e ele não teve a chance de poder nos ensinar aquilo que todo sujeito tem, no fundo, para nos ensinar sobre seu mundo interior.

## 2010: PSICOPATIA NA POLÍTICA COTIDIANA?<sup>3</sup>

Recentemente, fortes chuvas trouxeram mais que o caos para o Rio de Janeiro. Além do horror do transbordamento das águas,

<sup>2</sup> LACAN, J. *Hamlet*. Campinas: Escuta/Liubliú, 1986. p. 74.

<sup>3</sup> A escrita deste texto contou com a colaboração da psicanalista Julia Cristina Tosto Leite e de um grupo

de trabalho do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, constituído por Ana Karla Ferreira e Eliana Luíza S. Barros.

irrompeu a indignação com o descaso do poder público, que permitiu que casas fossem construídas sobre um antigo aterro sanitário, um lixão como costumamos chamar. De lá para cá, se descobriu a existência de um total de 18 favelas construídas sobre lixões. Um retrato muito claro foi revelado: no Brasil o povo é tratado como lixo.

Em “O mal-estar na cultura”, Freud salienta que um dos propósitos da civilização é proteger os homens contra a natureza. A casa representa para Freud um verdadeiro símbolo do corpo, o abrigo do sujeito; ela é uma metáfora privilegiada, e se enraíza no inconsciente como um substituto do útero materno, o primeiro alojamento pelo qual o homem ainda anseia, onde se achava seguro e se sentia à vontade<sup>4</sup>.

Freud assevera que a palavra *cultura* descreve a soma das realizações e dos regulamentos que se destinam a garantir a proteção do homem em relação à natureza e o ajustamento de seus relacionamentos mútuos. Mas os anseios do homem com o trabalho da cultura não se restringem ao útil: a beleza, a limpeza e a ordem ocupam um lugar especial entre as exigências esperadas pelo homem. A reverência à beleza se estenderia à natureza, assim como às obras criadas pelo homem. Também não nos surpreende, diz Freud, estabelecer o sabão como “padrão real” da civilização. Finalmente, a ordem, inspirada pelas regularidades dos fenômenos da natureza, introduziria um ritmo, uma repetição que daria limites ao imprevisível, dando origem à utilização do espaço e do tempo. Não deixemos de fora as realizações intelectuais,

científicas e artísticas que acrescentariam a busca de prazer como força motivadora das realizações do homem ao lado do objetivo de utilidade<sup>5</sup>.

O prefeito de Niterói classificou de “desastre natural” as chuvas que caíram no município e, em entrevista no rádio, chegou a afirmar que “ninguém responsabilizou os governantes da Ásia pelo tsunami ou os chilenos pelo terremoto”. Afirmando que não sabia que a favela do morro do Bumba estava construída sobre um lixão – embora esteja na prefeitura há 12 anos pessoalmente e 16 indiretamente –, pediu que, “neste momento trágico, não massacrassem nem demonizassem o prefeito”. Mas pelo menos dois estudos da Universidade Federal Fluminense já haviam alertado a Prefeitura para os riscos de desabamento. Aprendemos o sentido de uma palavra nova que veio à baila no noticiário: *chorume* – líquido originado da decomposição de resíduos orgânicos –, que parece associar choro e estrume.

Embora o uso da mentira na política não seja apanágio do Brasil (vide a invasão do Iraque baseada na divulgação da mentira de que se encontrariam armas de destruição em massa em seu território), a capacidade de mentir de nossos políticos é particularmente surpreendente.

A mentira na política cotidiana talvez seja um bom índice para se verificar o grau de canalhice dos políticos. Numa tirada famosa, um ex-governador de São Paulo, diante de sua assinatura numa conta bancária suíça, disse que ela não era dele. Nossa ministra candidata à presidência fez recentemente

<sup>4</sup> FREUD, S. *Mal-estar na cultura*, parte III, 1930, p. 110-111.

<sup>5</sup> FREUD, S. *Mal-estar na cultura*, parte III, 1930, p. 109-114.

um lapso revelador, como todo lapso, da verdade em jogo no inconsciente: ao se referir ao nordestino que vai para Brasília, disse: “Quando ele vai ao Brasil” – ou seja, o Nordeste não é o Brasil. Ou será que Brasília – essa invenção estratégica mas funesta que isolou o poder artificialmente no centro do país – é que não é o Brasil?

Psicopatia é um termo que foi usado, a princípio, como sinônimo de doença mental, sendo que seu uso em sentido mais restrito começa na psiquiatria alemã com Koch (1891), sendo, então, associada com a personalidade e a constituição. Kraepelin, Birnbaum e Gruhle são autores que contribuem para delimitar as fronteiras entre psicopatia e psicose: a primeira seria entendida como uma certa tendência que se manifestaria ou não, dependendo também de fatores ambientais. Kretschmer (1922), ao contrário, estabelece um *continuum* que vai da normalidade à doença. Progressivamente, a partir da segunda metade do século XX, a importância das influências externas foi sendo privilegiada. “A máscara da sanidade”, de 1941, escrito pelo psiquiatra norte-americano Hervey Milton Cleckley, parece ter sido a principal influência para o conceito atual de psicopatia na psiquiatria.

A partir de uma casuística clínica, Cleckley observou que o transtorno fundamental da psicopatia “seria a ‘demência semântica’, isto é, uma falha na compreensão dos

sentimentos humanos em profundidade, embora no nível comportamental o indivíduo aparentasse compreendê-los”<sup>6</sup>. E por isso ele falou da máscara de sanidade<sup>7</sup>.

Entre as características destacadas pelo CID-10 para a psicopatia, encontramos no primeiro plano a indiferença insensível pelos sentimentos alheios, assim como a atitude flagrante e persistente de irresponsabilidade e desrespeito por normas, regras e obrigações sociais. Trata-se, portanto, de uma patologia que se poderia denominar de patologia da lei e, por isso, a psicopatia é igualmente chamada de sociopatia. Nesse sentido, tudo indica que o campo político é a região ideal para se verificar essa patologia.

Uma das características mais relevantes que Cleckley reuniu em sua obra sobre a psicopatia (sua descrição da psicopatia como personalidade antissocial – personalidade psicopática – vigora até nossos dias, como o atestam as nosografias psiquiátricas contemporâneas) é “a total desconsideração pela verdade; ele não compreende a atitude das pessoas que a valorizam e a cultivam. Tipicamente, ele não se sente constrangido ao mentir, fazendo-o, muitas vezes, de modo mais convincente que uma pessoa que diz a verdade. Quando desmascarado, ele não sente qualquer remorso e só se defende para se desvencilhar de um problema real ou para

<sup>6</sup> HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 285-302, junho 2009.

<sup>7</sup> Entre parênteses, ressalto que não cabe aqui fazer um estudo comparativo entre a noção psicanalítica de estrutura perversa e a noção de psicopatia para a psiquiatria. Tal estudo é, contudo, de grande

interesse, sobretudo porque ele traz em seu bojo os problemas inerentes à própria noção de perversão em psicanálise. Mas cabe por outro lado manifestar nosso interesse por uma noção que, utilizada para a desqualificação do outro como sujeito (perverso, psicopata) aporta a ambiguidade da necessidade de estabelecer uma compreensão clínica dessa patologia da lei com o rigor das construções teóricas.



atingir algum objetivo, nunca para reparar sua reputação”<sup>8</sup>.

Para Freud, o supereu é a instância psíquica que assume, na construção da cultura, o que antes foi do campo da coerção externa. Seria, aliás, através deste agente psíquico que a criança se torna um “ser moral e social”. Aqueles em quem esta transformação se realizou seriam veículos e não opositores da cultura. Os neuróticos, no entanto, seriam uma desagradável exceção: obedeceriam às proibições culturais apenas sob a pressão da coerção externa: “Há incontáveis pessoas civilizadas que se recusam a cometer assassinato ou a praticar incesto, mas que não se negam a satisfazer sua avareza, seus impulsos agressivos ou seus desejos sexuais, e que não hesitam em prejudicar outras pessoas por meio da mentira, da fraude e da calúnia, desde que possam permanecer impunes”<sup>9</sup>.

A relação entre violência e mentira foi abordada por Jean-Jacques Blévis em sua exposição no colóquio em comemoração aos 60 anos da Declaração dos Direitos do Homem, organizado pelo psicanalista Paolo Lollo na Unesco, em Paris, no final de 2008, e do qual eu e Denise Maurano participamos. Chamando atenção para o “vasto programa” que seria estudar o complexo problema da mentira, Blévis ressaltou a importância desse estudo no campo jurídico – “Juro que direi a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade”, rege o juramento do direito – e no campo político. Blévis lembra o artigo de Alexandre Koyré “Reflexões sobre a mentira”, sobre o uso da mentira na guerra e nas catástrofes, no qual ele chega a afirmar

que a mentira é mais própria do homem que o riso.

Por sua vez, considerando que o homem se define pela fala, a psicanálise verifica que há diferentes dimensões da mentira. Em essência, esta relação entre violência e mentira revela, para Blévis, que há mentiras necessárias para evitar a violência, e há mentiras que matam e violentam.

Há mentiras e mentiras. Lacan mostrou como a mentira é uma função subjetiva: indo muito além dos animais, que também sabem fingir, o homem sabe fingir que está fingindo. Freud sublinhou que, para a psicanálise, a palavra mentirosa é aquela que porta a verdade. A palavra não diz jamais toda a verdade, ela porta o recalçamento, que extorque parte da verdade. Nesse caso, a mentira implica uma negação, uma denegação – algo que é negado, mas que existe e cuja existência é afirmada pela própria denegação. Mas há outra forma de mentira, aquela que nega não apenas pela própria divisão inerente à palavra, mas aquela que nega que algo exista. As consequências de ambas mentiras são diferentes.

Quando um político desvia verbas polpudas que eram destinadas à saúde e à educação, isso não deveria ser considerado um crime hediondo, uma vez que tal ato acarretará em prejuízos graves – e até mesmo a morte – para milhares de pessoas? Mas a punição que se vê em tais casos é, no máximo, a perda do mandato. No caso de juízes malfeitores, figuras que no Brasil parecem ter se tornado mais numerosas do que se poderia esperar de alguém que ocupa esta

<sup>8</sup> HENRIQUES, R. P. De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. (op. cit.)

<sup>9</sup> FREUD, S. *O futuro de uma ilusão*, p. 23.

função na sociedade, a punição é a aposentadoria compulsória!

Para dar exemplos desta semana: uma desembargadora de Santa Catarina ficou indignada, e gritou aos berros: “- Você sabe com quem está falando?”, ao ser pega na blitz por documentação irregular e tentando evitar que o carro fosse levado para o depósito. O policial redarguiu: “Se a senhora é magistrada, deveria dar exemplo!” Mas seu carro não foi levado como todos os outros são. O Secretário Nacional de Justiça, acusado de envolvimento com o ex-chefe da máfia chinesa no Brasil, é protegido pelo governo por medo de revelações comprometedoras.

Militares que cometem crimes recebem como punição a exoneração, às vezes nem isso. Exemplo dramático: policiais que em outubro de 2009 viram o assalto e a morte de Evandro João Silva, coordenador do AfroReggae, que não só não socorreram a vítima que agonizava no chão de uma agência bancária 24 horas, como ainda ficaram com a jaqueta e o par de tênis frutos do roubo e liberaram os criminosos, estão aguardando o término da investigação exercendo funções administrativas e trabalhos internos burocráticos. E assim caminha a desumanidade.

## 2015: CULTURA E ARROGÂNCIA DA FANTASIA

Cada cultura é a entronização de algumas fantasias e o recalque de outras, ou, dito de outro modo, do acolhimento de certas formas de gozo e do rechaço de outras. A maneira pela qual as fantasias são entronizadas inconscientemente sempre traz para cada cultura uma posição de

rechaço – maior ou menor, na dependência da maneira pela qual a fantasia do outro é atingida – em relação às outras.

Isso é efeito da fantasia, que localiza formas de gozo e, ao fazê-lo, pode levar a isolar todas as formas de gozo que não são compatíveis com ela. Os efeitos no campo da sexualidade são evidentes – desde a discriminação das manifestações plurais, relativas à diversidade sexual, até perseguições e mortes – mas não se restringem a eles. Assim como Freud dá à sexualidade na vida de um sujeito um alcance muito maior do que aquele que se refere exclusivamente às práticas sexuais propriamente ditas e se alastra por diferentes dimensões nas quais o sexual ressoa continuamente, no campo da cultura as coisas não poderiam ser de outro modo.

Se há uma arrogância inerente à assunção da posição fantasística de cada sujeito, na cultura há igualmente uma arrogância que, em maior ou menor grau, implica o desconhecimento e a negação de tudo aquilo que se opõe a ela – e às vezes de modo assassino.

O ataque ao escritório do magazine Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015, abriu o ano novo com o mais cruel terror. Com o saldo de 12 pessoas mortas e 5 feridas gravemente, grandes artistas consagrados pelo público, esse episódio inacreditável revelou que tanto a cultura francesa quanto a cultura árabe são inimigas no inconsciente e que a pacificação não será possível na medida em que as fantasias que ambas entronizam são nitidamente avessas a tudo o que se mostre francamente opositivo a elas. Os árabes não toleram a mínima brincadeira com seus mitos sagrados. Os franceses não toleram que as piadas, de qualquer tipo que sejam –

até as do mais negro humor – não sejam toleradas.

A arrogância é um efeito virulento do narcisismo.

## 2015: O IRREVERSÍVEL DA MORTE

Tristíssima a execução, em 2015, dos brasileiros Marco Archer Cardoso Moreira, carioca de 53 anos, e Rodrigo Muxfeldt Gularte, paranaense de 42 anos, na Indonésia por tráfico de drogas. Ela nos leva a pensar por que somos contra a pena de morte.

Os cientistas ensinam que a morte é inerente à vida: não há vida sem morte, até mesmo as estrelas morrem – depois de bilhões de anos de existência, mas morrem. Ensinam também que a vida humana é o produto de uma longuíssima evolução através da qual primeiro nos erguemos sobre as duas patas traseiras e, liberando as dianteiras, permitimos que surgisse muito lentamente ao longo de milhares de anos as mãos, a linguagem, a comunicação e a tecnologia.

Se o advento da vida é uma ocorrência absolutamente espantosa (vide a encarniçada busca de planetas com “condições para que haja vida” que se arrasta há décadas sem resultado), a morte é igualmente surpreendente por nos revelar – através da efemeridade, maior ou menor, inerente a toda vida – que não há vida eterna. Assim, fundamentalmente transitória, a vida inclui nela mesma o imponderável de sua duração e – mais terrível – a irreversibilidade de seu encerramento.

A morte é irreversível e nisso ela contraria aquilo que constitui a essência da vida humana – a linguagem –, pois a característica principal da linguagem humana (que em psicanálise denominamos de simbólico) é sua reversibilidade. Podemos dizer uma coisa hoje e o oposto amanhã. E no terceiro dia, voltarmos à posição inicial ou acrescentarmos uma terceira ideia que se oponha às duas anteriores. O simbólico implica uma reversibilidade que é fonte de criação, de renovação e de mudança. O ser humano é, por isso mesmo, eminentemente paradoxal, contraditório e conflituoso. Sua estrutura se baseia na diferença radical e ineliminável.

O simbólico permite ao ser humano a convivência pacífica, os acordos pessoais e os tratados entre as nações: o simbólico é salutar, ele mediatiza os encontros do sujeito com seus semelhantes e a relação dele com o mundo à sua volta. Executar um homem é arrogar-se o direito de decidir sua hora da morte, e é também destruir de modo inaceitável a reversibilidade simbólica que governa as vidas humanas e os povos: todos nós podemos mudar, voltar atrás, repensar nossas ideias e decisões. Sem isso, não seríamos diferentes dos animais que vivem uma vida regida apenas pelas leis biológicas que fazem de seu ciclo vital algo previsto e inarredável.

No desespero, Clarisse Gularte, mãe de Rodrigo, diagnosticado com esquizofrenia, comentou apelando para o poder do simbólico: “*Mas eu acho que todo mundo tem chances. Tem que ter uma segunda chance!*”. Sua fala reivindica a lei da reversibilidade simbólica. Já Rodrigo, mesmo esquizofrênico, não conseguiu aceitar que essa lei não fosse preservada e manteve a esperança até o fim: “*Alguém vai*

*me tirar daqui, eu sei que eu vou sair... Meus familiares vão me retirar daqui*". Marco Archer ficou preso dez anos aguardando o perdão em vão. Ele teria pedido a um guarda da prisão para matá-lo. Ele certamente passou todos esses anos sob a angústia da execução por vir e morreu em vida muitas vezes. Uma vida que aguarda a morte todos os dias está mais próxima da morte do que da vida.

A pena de morte reduz a vida humana à vida biológica, mas ela é muito mais do que isso. A obra dos grandes pensadores e criadores – por isso mesmo chamados de imortais – contraria a irreversibilidade da morte precisamente por fazer valer a potência da linguagem simbólica para afirmar o homem. Lúcido, Salvador Dali enunciou isso com precisão ao fazer com que se escrevesse em seu próprio epitáfio: *"Dali está morto, mas não todo..."*. Por isso também esses homens executados barbaramente não estarão jamais totalmente mortos em nossa memória.

## 2017: VALOR ESTÉTICO E CONVIVIALIDADE URBANA

O prefeito João Doria errou ao não ter conversado com os artistas e avaliado a receptividade dos grafites na 25 de Março e nos Arcos do Jânio, em São Paulo. Mas não se pode aprender com o erro dele e colocar questões importantes para o debate?

Uma discussão que ninguém quer fazer é sobre o valor estético dos grafites. Se o espaço é público, como os grafiteiros alegam para justificar sua arte, também é uma imposição à população circulante a visão diária dos grafites. Por que a arte de uns deve se impor ao olhar de todos?

Uma cidade como São Paulo é uma cidade na qual a saturação e o excesso são regra: excesso de pessoas, de veículos, de prédios, de sons, de poluição saturam os sentidos das pessoas continuamente. Talvez seja uma observação estética simples e inegável que os grafites em geral são também formas de saturação artística: excesso de cores e de formas nos desenhos que se alinham, um após o outro, saturando o olhar do transeunte. Com eles, o olhar não encontra descanso.

Se a função do quadro é a de atrair o olhar e permitir ao espectador preencher o vazio com uma forma de algum modo atraente, todos sabemos que os museus constituem frequentemente espaços em que o excesso de obras também é capaz de saturar o espectador. O excesso neutraliza a apreciação do valor estético e o vazio se revela absolutamente necessário para apreciar as formas. Mas ao museu o sujeito vai quando quer e talvez, se estivéssemos continuamente prostrados diante das mais belas obras de arte dos museus, elas também revelassem uma função de saturação insuportável. Ou melhor: elas perdessem seu caráter impactante de obra de arte.

Será que a convivialidade urbana não deve entrar na conta das conversas entre Doria, os grafiteiros e a população? Nas discussões, até agora, só se fala em termos sociais: respeito ao artista, diálogo com os grafiteiros etc. Mas se a arte está exposta na rua, trata-se também de avaliar o que e como algo está sendo exposto.

A alegação de que o grafite é cor e arte não justifica a invasão do olhar do público com uma plethora de cores e formas. Quanto a essas, é difícil estabelecer seu valor estético,

porque a arte e a criação não devem ser julgadas em função de apreciações que dizem respeito ao conforto, à beleza, ao prazer etc. Pois a grande arte pode ser feia, desagradável e desprazerosa, e por isso mesmo constituir uma expressão artística única, singular. A arte não se mede pelo caráter decorativo de uma imagem, mas pela condensação que ela é capaz de fazer dos mais diversos elementos que regem, na maioria das vezes de forma imponderável e inconsciente, a criação humana.

O melhor de tudo foi a ironia criativa dos foliões que fizeram marchinhas carnavalescas para gozar o Doria:

*"Você pode pichar primeiro / Não deixo mole e pinto atrás / Eu quero ver se eu pinto inteiro / Um muro de Moema até o Brás / Pra cidade ficar mais top / Na 23 e na Faria Lima / De fantasia pra dar mais ibope / Poso pra foto e pinto por cima / Pinto da fonte / Pinto no muro / Pinto de branco / Ou pinto mais escuro / Pinto de fora / E pinto dentro / Pinto na Mooca e depois pinto no centro / Eu te faço um convite / Esqueça essa bobagem de grafite / Esse muro fica muito mais bonito / Com um quadro de Romero Britto"*

## 2018: JUSTIÇA?

As crianças têm a especial capacidade de perceber e dizer certas coisas que surpreendem os adultos. Embora não conhecesse a parábola chinesa segundo a qual um homem disse para o outro "Por que você está tão aborrecido comigo, se eu não lhe dei nada?", um menino de 6 anos disse outro dia para sua mãe, no meio de grande mal-estar familiar: " – O bem faz mal para o mal". Há uma nítida clarividência na criança pequena que se apoia evidentemente na

ausência de riscos que ela corre ao pronunciar em alto e bom som: "O rei está nu!"

Para a psicanálise, os adultos mais criativos e perspicazes são aqueles que conseguem manter esse frescor mental da criança. Para descobrir tudo o que descobriu, Freud certamente precisou preservar aquela curiosidade infantil aguda que leva às grandes descobertas. Ele mesmo manifestou mais de uma vez seu espanto ao comparar a mente de uma criança com a do adulto que ela se torna depois: onde estão a vivacidade e a curiosidade que constituíam sua capacidade de questionar continuamente, perguntava-se ele. O grande psicanalista francês Jacques Lacan também confessou certa vez que tinha uma cabeça de criança de seis anos de idade.

Num esforço de imaginação, podemos supor o que diria uma criança desse tipo diante da situação que o Brasil vive com a descoberta das gigantescas redes de corrupção articuladas entre políticos e empresários. Ela se perguntaria como será o julgamento desses sujeitos e por que crimes eles serão punidos. Talvez ela colocasse no primeiríssimo plano da punição pela roubalheira generalizada das finanças públicas os efeitos irreversíveis que ela produziu na população.

Ela se perguntaria: quantas pessoas morreram ou adoeceram gravemente por falta de alimento ou cuidados médicos? Quantas mulheres e homens tiveram suas vidas destruídas por terem perdido parentes na terrível violência sem limite instaurada nas comunidades mais pobres e nas grandes cidades? Quantas crianças e adolescentes tiveram as perspectivas de vida reduzidas a zero e ceifadas cedo devido

a nenhuma educação recebida e à grande desorganização familiar na qual foram criadas? Qual será a punição para tanta destruição causada pela ganância e pelo absoluto descaso do poder público com os cidadãos que deveriam ser por ele protegidos? O que fará justiça a tantas mortes e a tanto desamparo, causado numa população indefesa e manipulada da forma mais perversa?

Tais criminosos, agora revelados sistematicamente, serão punidos por homicídio culposo ou doloso? Ela ousaria colocar claramente a pergunta, embora sem saber a resposta. Ela indagaria, enfim: “O que poderá fazer justiça nesses casos?”

## 2019: MORTE E DESAPARECIMENTO

Sempre me surpreendeu muito o fato de que na língua francesa o termo *desaparecer* é utilizado para falar da morte. Nos livros franceses, pode-se ler com frequência nos dados do autor, referindo-se à data de sua morte: *disparu en*, desaparecido em...

Quando prestamos atenção a ela, a língua sempre nos ensina. Sim! É claro que a morte é uma forma de desaparecimento, pois a presença de alguém que estava ali, bem diante de nós – com sua voz, seu olhar, seus gestos, suas palavras – a partir do instante da morte não pode mais ser compartilhada. São muitas coisas que desaparecem quando a morte de alguém chega. Com ela, nunca mais haverá aperto de mãos, troca de olhares, abraços.

Não é à toa que, quando nos rebelamos contra ele, o desaparecimento imposto pela morte pode até trazer consigo a *aparição* fantasmática do morto. E com essa lição da

língua, acabamos por nos convencer de que, no fundo, o horror da morte parece residir mesmo na irreversibilidade desse desaparecimento, o que justifica a metáfora da língua francesa.

Mas, paradoxalmente, com a morte surge a presença inarredável daquela ausência, que convoca nos vivos a imensa trama de recordações. A morte de uma pessoa amada nos retira do presente e nos lança abruptamente no abismo do passado, numa queda sem fim e sem rede de proteção. Há uma certa abolição do tempo, pois nos sentimos imediatamente sem futuro: como viver sem ela? Que sentido terá a vida agora? A luz que o mundo sempre irradiou através de sua presença subitamente se apagou.

A única forma de evitar que essa morte também nos destrua é o paraquedas nomeado por Sigmund Freud de *trabalho do luto*, a elaboração da perda do ente querido, feita através da revisitação do passado. Recorremos, assim, às memórias guardadas em nosso mundo interno, que ninguém tem o poder de roubar, e mantemos a pessoa viva, pelo menos dentro de nós. Não à toa, para os egípcios antigos uma pessoa só morre quando deixam de pronunciar seu nome.

Jorge Luis Borges disse, certa vez, que o que ele mais aspirava com sua obra era atingir esse lugar único que é a memória do leitor. Jean-Paul Sartre também criou em *Huis clos* uma cena teatral para mostrar que, enquanto alguém se lembra deles, os mortos permanecem vivos.

Por outro lado, não há como negar que existe uma diferença entre a morte e o desaparecimento. Quando alguém morre subitamente num acidente (ou num

suicídio) ou após um longo período de enfermidade, os efeitos da morte sobre os vivos são diferentes. No primeiro caso, o desaparecimento decorrente da morte produz todo o impacto traumático de que ela é capaz. A morte súbita mostra o poder da morte como nenhuma outra.

Já a morte por adoecimento é uma morte acompanhada passo a passo pelos entes queridos e, por isso mesmo, não é uma morte em que o morto morre só. Trata-se aqui de um desaparecimento feito de mãos dadas com o outro, em que o amor amortece até o fim o niilismo que se insinua sorratamente. Para quem morre e para quem fica vivo, a pior coisa que pode acontecer é alguém morrer desprovido da “redenção trazida pela presença significativa do outro”, para lembrar a bela formulação de Walter Salles ao falar sobre a relação entre a mulher Dora e o menino Josué, numa entrevista sobre o filme *Central do Brasil*.

Há também, infelizmente rara, a única forma bela da morte, chamada por um nome que induz que se a aceite - a *morte natural* -, em que a vida parece quase conseguir vencer a morte ao ser vivida até o fim e não ser interrompida por nada.

Mas quando o desaparecimento é desaparecimento mesmo, isto é, não é o efeito imediatamente visível da morte – pois além do sujeito falante desaparecer, desaparece também seu corpo –, a dor que surge é inominável e não encontra onde se agarrar na queda vertiginosa no abismo, do qual jorra uma avalanche de perguntas inteiramente sem respostas.

Sem o corpo, não é possível realizar o ritual de enterramento, o mais significativo símbolo da cultura humana - onipresente

em todos os povos desde a pré-história -, que não pode admitir que se trate seus mortos como uma carniça lançada a céu aberto. Não há o momento do mais verdadeiro choro - o do adeus -, o último beijo na testa, a carícia na pálpebra fechada que vela para sempre a janela do mundo do ente querido.

As declarações ferozes vindas do lugar mais elevado da República Brasileira sobre o trágico desaparecimento de Fernando Augusto de Santa Cruz Oliveira, em 23 de fevereiro de 1974, aos 24 anos de idade - uma das centenas de vítimas da fúria da ditadura militar que dominou o Brasil por décadas - ofendem terrivelmente não apenas a memória da família Santa Cruz. Elas atingem a dignidade de todos nós, pois não levam em conta nada daquilo que constitui o cerne da nossa humanidade. O Presidente ironizou com sarcasmo o desaparecimento do jovem e desmentiu o relatório da Comissão Nacional da Verdade. Negando as afirmações dos documentos oficiais sobre sua morte, afirmou com um sorriso sardônico que sabia como ele morreu e poderia contar a seu filho, Felipe Santa Cruz, presidente da OAB, mas que este não ia querer saber...!

Empreendendo uma guerra contra a memória semelhante à do revisionismo europeu que nega as atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich, a insistência do Presidente em apagar a memória do assassinato do jovem estudante representa matá-lo pela segunda vez.

Como tudo aquilo que existe, somos mortais e, além disso, os únicos seres que se sabem mortais. E que, portanto, têm que travar uma luta diária com a dor causada pela morte das pessoas amadas e pela percepção dos limites de nossa própria existência.

Ocupado por uma vociferação cruel, o lugar da Presidência, que deveria ser o porta-voz de uma palavra salutar que apazigue a alma

sofrida de seu povo, está nesse triste momento de nossa história inteiramente vago.

MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE é Psicanalista; Psiquiatra; Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro; Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Membro da *Association Insistance* e Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise.



# PSICANÁLISE, XENOFOBIA: algumas reflexões

Por BETTY BERNARDO FUKS

É comum admitir que a Psicanálise trouxe uma contribuição decisiva, ainda que tão contestada, para o desenvolvimento de uma crítica contra toda a forma de preconceito, bem como se reconhece que a marginalidade social, cultural e pessoalmente sentida por Freud, na condição de judeu vienense da diáspora – que viveu e produziu nas circunstâncias especiais de tempo e espaço na virada do século XX, em Viena – mostrou-se fundamental para a constituição da prática e da teoria analítica. Mas a experiência cultural inscrita no percurso da vida e da produção do fundador do método analítico não foi apenas uma marca histórica que ele tenha recebido passivamente. Contam muito a repercussão íntima e a resposta transformadora que lhe facultaram desenvolver, progressivamente, a constituição da própria judeidade – o modo próprio de ser judeu; uma maneira de tornar-se outro – e traçar as estratégias de tolerância à alteridade e de combate às resistências à Psicanálise.

Um olhar retrospectivo para o final do século XIX permite identificar o modo como a disciplina freudiana ganhou um lugar na primeira fileira das produções culturais vienenses que abalaram as normas vigentes e dissolveram preconceitos ao apostar no

progresso inquestionável da modernidade. O conceito de Inconsciente e sua decorrência imediata, a sexualidade infantil, granjeou simpatias, adesões, assim como uma intensa resistência manifesta sob a forma de críticas negativas e extremamente pejorativas. Logo, a ideia sobre a importância da presença da sexualidade na formação da subjetividade foi acusada de subproduto da modernidade vienense. Freud associou esta recriminação a um outro preconceito que, no início do século XX, era mantido velado: “Acusarem-me de vienense é apenas um substituto eufemístico de outra acusação, que ninguém ousa fazer abertamente” (Freud, 1925/1976, p. 52). Isto é, à sua condição de judeu. Historicamente, no final da Antiguidade, a noção patrística de que os judeus eram extremamente carnais, devido à importância que davam ao sexo e à reprodução, foi o topo de grande parte dos escritos cristãos. Santo Agostinho, no *Tractatus adversus Judaeos*, faz a seguinte acusação: “Considerai o Israel segundo a carne. Este nós sabemos que é o Israel carnal: mas os judeus não compreendem este significado e, assim, tornaram-se indiscutivelmente carnais<sup>1</sup>.”

Conforme assinalou Jacques Derrida, em “Mal d’archive”, a descoberta freudiana, independentemente do próprio Freud, foi

<sup>1</sup> Citado por Daniel Boyarin. *Israel Carnal, lendo o sexo na cultura talmúdica*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

reconhecida como uma “ciência judaica” sob a forma de uma acusação, antes, durante e depois do nazismo<sup>2</sup>. Em relação à ciência, Freud sempre se pronunciou contra este tipo de qualificação: “...Não deveria existir ciência ariana e ciência judaica particular. Esses resultados deveriam ser idênticos, apenas a apresentação poderia variar... Se as diferenças se estendem à interpretação dos dados objetivos da ciência, é porque alguma coisa não vai bem”<sup>3</sup>.

No entanto, foi em função de uma suposta divisão entre “inconsciente ariano” e “inconsciente judaico” que Carl Gustav Jung se separou do movimento psicanalítico em 1913, chegando a estimular a proibição da Psicanálise na Alemanha (Lohmann & Rosenkötter, 1985). Uma grande ironia! Em Jung havia sido depositada a esperança de que a Psicanálise pudesse desalojar-se de Viena e do “gueto judaico” que havia se formado em torno dela (Roudinesco, 1989).

Vinte anos depois, quando Hitler subiu ao poder na Alemanha, a divisão entre “ciência judaica” e “ciência ariana” começou a se materializar. No inverno de 1933, tendo por base o decreto de exclusão dos judeus da direção das associações científicas, os psicanalistas judeus Max Eitingon, Ernst Simmel, e Otto Fenichel se “demitem” da direção da Sociedade Alemã de Psicanálise (DPG). O antissemitismo de Jung – “...com Freud e Adler são propagados pontos de vista especificamente judeus e, como também pode ser comprovado, pontos de vista que têm um caráter essencialmente desagregador” (Jung *apud* Lohmann & Rosenkötter, *idem*, p. 53) – fora posto em prática. Em 1935, a situação se agrava: numa

assembleia presidida por Ernest Jones, – presidente da *International Psychoanalytical Association* (IPA) – todos os membros da DPG de origem judaica foram expulsos. Apenas um analista não judeu, Bernard Kammm, protestou contra a decisão e se demitiu com os colegas judeus. Dias depois, os membros remanescentes, que acreditavam que com a arianização da DPG a Psicanálise seria deixada em paz, são surpreendidos com a notícia de sua dissolução e da integração de todos ao Instituto Goering. Os nazistas assumiram a “limpeza”: o nome de Freud e o da Psicanálise foram definitivamente apagados no Instituto. (Roudinesco, 1989; Lemérier, 1999).

Apesar da acusação que pesa sobre Freud – de ter sido incapaz de compreender a realidade do nazismo e prorrogado, em demasia, sua saída de Viena – a realidade é que compreender o ódio ao outro por pequenas disputas através do paradigma do judeu, o ancestral estrangeiro das massas, foi, sem dúvida, um dos motores da escrita de “O Homem Moisés e o Monoteísmo” (1939). Entretanto, mesmo nesta grande obra escrita em plena ascensão do nazismo, o pensamento freudiano sobre a intolerância transcende a questão do ódio milenar ao judeu. Obviamente, isto não poderia deixar de ser: Freud sempre esteve voltado à escuta dos destinos das pulsões na cultura, o que lhe permitiu situar a xenofobia na dimensão agressiva do sujeito à estranha diferença no outro.

Vejamos: duas figuras de alteridade assombravam a modernidade vienense: feminilidade e judeidade. De uma maneira

<sup>2</sup> *Mal d'archive, une impression freudienne*. Paris: Galilée; 1995. p. 3.

<sup>3</sup> Carta inédita de Freud-Ferenczi, citada por Jacques Chemouni em *Freud e o Sionismo*, p. 14

geral, o pânico da feminização correspondia ao horror de sua judeização, o que serviu de esteio para o discurso xenofóbico endossar e propagar o mito da mulher ter trazido o pecado ao mundo, como também atribuir ao judeu o perigo de degeneração do órgão sexual masculino. A ideia veiculada pelo discurso médico-social vienense, de que a prática da circuncisão do povo judeu expõe o varão às doenças sexualmente transmissíveis e à degeneração do órgão masculino, forneceu subsídios ao projeto antissemita da diabolização do judeu. No campo da filosofia, é na escrita de Otto Weininger que feminilidade e judeidade aparecem em estreita relação, fazendo precisamente da mulher e do judeu o espírito mesmo da modernidade e da sexualidade, o valor supremo.

A proposta de um elo indissolúvel entre feminilidade e judaísmo tornou-se, então, bastante conhecida entre os intelectuais vienenses. Freud, redigindo o caso do Pequeno Hans, lembra, em uma nota de rodapé, as ideias de Weininger ao assinalar que o "...complexo de castração é a raiz mais profunda do antissemitismo, uma vez que já no quarto das crianças, o menino ouve dizer que cortaram algo no pênis dos judeus – um pedaço do pênis, pensa ele –, e isso lhe dá o direito de desprezá-lo" (Freud, 1976 p. 32, nota 4). Desde então, a Psicanálise formula, em sua linguagem específica, um tema central da teoria crítica do final do século XIX e começo do século XX: a raiz inconsciente mais forte para o sentimento de superioridade sobre as figuras da mulher e do judeu é a diferença sexual.

Sob a sombra dessa realidade discriminatória generalizada, Freud elaborou e sustentou a teoria psicanalítica da sexualidade na qual o conceito de complexo

de castração se sobressai. Longe de fazer apenas uma analogia entre o judeu e o feminino, insistiu em demonstrar que a vivência sinistra diante da circuncisão é homóloga à impressão inquietante causada pelo sexo da mulher. Ambas provocam um horror determinado: o horror à castração (Cf, Fuks, 2000, 3º capítulo). E quando em Psicanálise nos referimos a este tipo de aversão, entramos no campo da angústia, signo do colapso de todos os pontos referenciais identificatórios que a diferença causa. Portanto, a diferença pode estar em qualquer lugar, bastando que o real do outro se manifeste como estrangeiro. E quanto mais o discurso se exercita no sentido da uniformização, tanto mais o disforme tende a se manifestar. Disforme estritamente particular que nós, analistas, designamos de gozo – aquilo que faz do outro um outro. Outro que só resta odiar, já que põe em xeque a forma de gozar a qual tanto se idealiza. É justamente esse odiar o gozo do outro que Jacques Lacan (1968) chamou de racismo ou segregação.

O horror à homossexualidade, uma outra fonte de xenofobia, também invadiu a Europa pré-Segunda Guerra. O "narcisismo das pequenas diferenças", o impedimento que o outro seja um perfeito semelhante, foi inteiramente manipulado no sentido de elevar os impulsos hostis da massa contra aqueles que, como os judeus e as mulheres, estavam apenas um pouco *mais além do espelho ideal* vigente: a raça pura, isto é, a raça sem outro. Embora Freud não tenha se detido especificamente sobre o fenômeno da homofobia, como o fez com o horror à mulher e o ódio ao judeu, desde o Manuscrito H até o Esboço de Psicanálise, se debruçou, com muita acuidade, sobre a questão da homossexualidade. Em geral, o que se conclui da leitura dos principais textos em

que o tema aparece, não sem certa dose de ambiguidade, é que do ponto de vista da teoria freudiana a homossexualidade diz respeito a “uma posição libidinal, uma orientação sexual, tão legítima quanto a heterossexual” (Ceccarelli, [www.cchla.ufrn.br](http://www.cchla.ufrn.br)). Acredito que tal posição tenha sido o alicerce ético-teórico desde o qual Freud declarou ao jornal vienense *Die Zeit* que “A homossexualidade não é algo a ser tratado nos tribunais”. E prosseguindo: “Eu tenho a firme convicção que os homossexuais não devem ser tratados como doentes, pois uma tal orientação não é uma doença. Isto nos obrigaria a qualificar como doentes um grande número de pensadores que admiramos justamente em razão de sua saúde mental [...]. Os homossexuais não são pessoas doentes”. (Freud, 1903, apud Ceccarelli, idem).

Vou me permitir dar maior ênfase à questão da homofobia que, junto ao antissemitismo e ao antifeminismo, se tornou um alvo privilegiado da ideologia nazista por considerar que até hoje permanece presente, embora velada, entre os herdeiros de Freud. Muitos daqueles que se dizem psicanalistas insistem em usar a Psicanálise como um instrumento xenofóbico a serviço dos próprios preconceitos e ideais e, com isto, terminam abalando os alicerces de uma prática voltada ao não-idêntico e de uma teoria que tem como fundamento o reconhecimento do outro.

Nunca é demais lembrar que, no século XX, o nazismo elevou ao paroxismo o ódio ao gozo do outro ao criar eficientes fábricas de extermínio de alteridades. Muito conhecemos sobre o destino dos judeus durante a catástrofe que inundou a civilização de sangue e dor. Por outro lado, pouco se sabe sobre a perseguição aos

homossexuais que, juntos aos “doentes mentais”, ciganos, comunistas e judeus, foram enviados aos campos de extermínio sob os pretextos de que eram degeneradas, sujos e portadores de uma doença incurável. A submissão da ciência e sua participação no projeto nazista para lhe dar base objetiva incluíam pesquisas genéticas para dar curso à fantasia de pureza racial e domínio universal, além de fornecer bases racionais à forclusão do sujeito. Em nome da “morfologia judaica” e da “genética” dos doentes mentais e homossexuais, era permitido, nos campos de extermínio e até mesmo na cidade, cometer qualquer tipo de delito contra homens, mulheres e crianças cuja vida matável, no dizer de G. Agamben, não merecia ser vivida (Agamben, 2002). Em plena modernidade, a xenofobia encontrou nas máquinas de fabricar cadáveres um instrumento jamais imaginado, e os modernos se mostraram mais bárbaros que os selvagens.

Nos campos, os homossexuais eram conhecidos pela expressão “código 175” – uma alusão às acusações do Parágrafo 175 do código criminal da Alemanha, que definia como ilegais os “atos antinaturais e indecentes” entre sujeitos do mesmo sexo. Os nazistas amplificaram o alcance desse estatuto, vigente desde o século XIX, para transformar “simples olhares” e “simples toques” em motivos legais de perseguição e condenação dos “degenerados”, que tinham como parceiros sujeitos do mesmo sexo. Em consequência disso, no mesmo ano em que, sob ordens de Goebbels, livros “não arianos”, entre eles os de Freud, eram jogados às fogueiras de Berlim (1933), barreiras contra preconceitos desabaram, e o homossexualismo passou a ser considerado traição à pátria. A partir daí, foram criadas diversas campanhas públicas para corrigir e

eliminar o que era considerado “atos indecentes”. O argumento de que a escolha homossexual ameaçava às gerações futuras da Alemanha fez de muitos homens e mulheres prisioneiros da Gestapo. Em Auschwitz, os homossexuais eram identificados pelo triângulo rosa, e não era incomum encontrar muitos prisioneiros usando também a estrela amarela de Davi. Em outros campos, usavam uniformes marcados com uma faixa azul, sinal da ameaça que representavam à sociedade ariana. É digno de nota que enquanto a realidade da violência sobre os homossexuais levou milhares de homens à morte, muitas vezes, as mulheres foram poupadas. Os nazistas acreditavam ser mais fácil reeducá-las, tornando-as esposas e mães. Assim, a violência contra mulher se fazia através da obrigação de procriar traumáticamente, isto é, fora do registro do desejo. Sob situações de estupro reais e simbólicos, a mulher tornou-se alvo da violência e da crueldade assassina nazista. Nota-se que o dispositivo de repúdio ao feminino – denegação da castração – apareceu como uma tentativa de transformar as lésbicas em verdadeiras vacas de reprodução da “raça pura”.

Poucos foram os homossexuais que conseguiram escapar da morte e testemunhar a crueldade a que foram submetidos nos campos de concentração. É o caso de Pierre Seel, que narra em seu livro *Moi, Pierre Seel, “Déporté homosexuel”* as atrocidades sofridas por homossexuais em Schirmek-Vorbrück, na região da Alsácia.

*“Um dia os alto-falantes ordenaram-nos que fôssemos imediatamente ao centro do campo. Gritos e latidos induziram-nos a chegar rapidamente. Rodeados por homens das SS, devíamos formar um quadrado e esperar firmes,*

*como fazíamos durante as formaturas da manhã. O comandante estava presente com todos os seus colaboradores mais importantes. Pensei que nos iam inundar de novo com a sua fé cega no Reich, em conjunto com uma lista de instruções, insultos e ameaças – emulando as famosas verborreias do seu chefe, Adolph Hitler. Mas a situação era muito pior: uma execução. Dois soldados das SS trouxeram um jovem até ao centro do quadrado que formávamos. Horrorizado reconheci Jo, o meu doce amigo de 18 anos.*

*Ainda não o tinha visto no campo. Tinha chegado antes ou depois de mim? Não nos tínhamos visto nos dias anteriores à minha detenção pela Gestapo. Fiquei paralisado de terror. Tinha rezado para que conseguisse escapar às suas rondas, às suas listas, às suas humilhações. Mas aqui estava, ante os meus olhos impotentes, que se encheram de lágrimas. Ao contrário de mim, ele não tinha transportado cartas perigosas, destruído cartazes ou assinado alguma declaração. E, no entanto, tinham-no aprisionado e ia morrer. As listas estavam realmente completas. Que se tinha passado? De que o tinham acusado os monstros? A minha dor fez-me esquecer completamente o conteúdo da sua sentença de morte.*

*Nesse momento, os alto-falantes emitiram música clássica muito barulhenta, enquanto os homens das SS o despiram completamente. Violentamente, enfiaram-lhe um balde de latão pela cabeça. Ataçaram ferozes cães pastores alemães sobre ele: os cães começaram por lhe morder as coxas e as virilhas, e depois devoraram-no em frente a todos nós. Os seus gritos de dor foram amplificados e distorcidos pelo balde que permanecia atado à sua cabeça. O meu corpo rígido se cambaleava, os meus olhos escancaravam-se de par em par por tanto horror, lágrimas corriam pela minha cara, rezava fervorosamente que desmaiasse rapidamente.*

*Desde esse dia, continuo a acordar frequentemente a meio da noite aos gritos. Durante mais de cinquenta anos essa cena repetiu-se incessantemente na minha mente.*

*Nunca esquecerei o bárbaro assassinato do meu amor – em frente dos meus olhos, dos nossos olhos, porque houve centenas de testemunhos.”* (Seel, 1995, p. 42-44).

Observa-se, neste fragmento autobiográfico de cunho testemunhal, a impossibilidade do autor em se liberar do sofrimento ao qual foram impostos milhares de seres humanos. Encontramos esta mesma realidade na literatura dos judeus que testemunharam, através da escrita, a devastação subjetiva vivida nos campos de extermínio. São relatos, como escreveu Primo Levi, em *Os afogados e os sobreviventes*, feitos “*por uma obrigação moral para com os emudecidos, ou, então, para nos livrarmos de sua memória: com certeza o fazemos por um impulso forte e duradouro*”<sup>4</sup>. Entretanto, ao contrário dos judeus, cujos escritos inauguraram uma nova face da literatura – a “literatura de testemunho” – poucos foram os homossexuais que tiveram a oportunidade de testemunhar o real do Holocausto. Em geral, os que regressavam dos campos à casa se viam impossibilitados de transmitir o ocorrido devido aos preconceitos que ainda vigoravam, de forma cruel e arbitrária, contra a homossexualidade. Uma pesquisa feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais da Segunda Guerra revelou o silêncio coletivo em que viveram durante longos anos por temor de confessar o motivo do internamento. Receavam a estigmatização e temiam possíveis denúncias que causariam perda de emprego, e até mesmo a impossibilidade de contrato de locação mantinha todos calados (Pollak, 1989, p. 3-15). Por décadas, mesmo depois da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, os homossexuais continuaram

sujeitos ao código criminal que o regime de Hitler empregara como base para sua perseguição. A lei 175 foi repelida em 1994, mas apenas em 2002 o governo alemão pediu perdão oficialmente aos homossexuais condenados. Na França, enquanto as leis antissemitas foram extintas, logo após a guerra pelo General de Gaulle, o artigo do código contra a homossexualidade permaneceu vigente, tornando-se mais rígido em 1962 e deixando de ser ilegal apenas em 1981.

Socialmente inaudíveis, os homossexuais não tiveram voz ativa na historiografia do Holocausto (Silva, 2008). O caso de Pierre Seel tornou-se paradigmático. Ao voltar do campo, diante da homofobia da família e da população de seu país, sentia-se um “estrangeiro” sem casa nem pátria (Seel, 1994, p. 65). Pressionado a levar uma vida “normal”, casou e construiu uma família de três filhos. Mais tarde, percebendo que tomara o caminho contrário ao próprio desejo, e que se mantinha submetido à violência homofóbica, quebra o silêncio e testemunha o que foram aqueles anos de horror e sofrimento que abalaram os alicerces da civilização ocidental. Seel resgata em seu livro a memória de um grupo que, por muito tempo, não pôde denunciar os crimes dos quais foram vítimas.

Voltemos à Psicanálise. Infelizmente, a posição de Freud em relação ao homossexualismo, resenhada acima, não se tornou um consenso entre os analistas. Abraham, diretor da Sociedade Psicanalítica de Berlim, considerava que a escolha homossexual era, de fato, um impedimento ao exercício da profissão de analista. Anna Freud classificava a homossexualidade como

<sup>4</sup> Primo Levi (1990).

uma “anomalia” passível de ser tratada. Com isso, concordava com o ideário sociocultural que dizia ser a homossexualidade uma questão médica. Melanie Klein entendia a homossexualidade feminina e a masculina como o resultado de identificações patológicas da criança com a mãe (no caso da menina) ou com o pai (no caso do menino). E, finalmente, Ernest Jones, o presidente da IPA que presidiu a Assembleia da DPG, mencionada acima, de expulsão dos judeus, era frontalmente contra a entrada de homossexuais no movimento psicanalítico; posição que foi inteiramente refutada por Freud em carta, assinada juntamente com Otto Rank e enviada ao colega (Cf. Cecarelli, [www.cchla.ufrn.br](http://www.cchla.ufrn.br)). O que temos de verificar é em que medida esta gama de preconceitos escorados em “teorias” xenofóbicas contribuiu e continua contribuindo para distorcer os princípios de liberdade e subversão que fundaram a Psicanálise. Uma coisa é certa: o desmentido da verdade freudiana – a atração entre sujeitos do mesmo sexo é uma posição libidinal – entre os pós-freudianos, certamente, provocou e corroborou o silêncio de muitos homossexuais após a Segunda Guerra. Neste sentido, tem razão Chaim Katz (1985) quando mostra que o desenvolvimento da identidade, teoria e prática psicanalítica e a construção de instituições psicanalíticas no período pós-guerra não devem ser observados separadamente.

Mas como podemos sucumbir à homofobia se até algumas igrejas<sup>5</sup>, em oposição às igrejas conservadoras acostumadas ao uso

do estímulo à intolerância, batalham a favor da tolerância sexual? Quão difícil é perceber que a história do movimento psicanalítico inclui o uso da Psicanálise, como já disse, por parte de muitos, em instrumento de manipulações cruéis capazes de ferir, humilhar e exterminar qualquer resquício de alteridade.

É como um resto inassimilável que a questão da xenofobia retorna ao campo psicanalítico depois da Segunda Guerra. As implicações do nazismo no movimento psicanalítico são de longo alcance e, sem dúvidas, atingiram dimensões de um trauma, até hoje não suplantado, que vão desde a destruição de instituições psicanalíticas no continente europeu à cooperação de alguns psicanalistas com o sistema nazista (Cf. BRAININ & KAMNER, 1985). Os que conhecem um pouco a história da Psicanálise sabem que o fato de Freud ter fundado uma disciplina embasada na desconstrução de preconceitos não quer dizer que seu alcance possa sobrepujar os impulsos humanos destrutivos que, depois de Auschwitz, tomaram feições bestiais. Um exemplo paradigmático de que a xenofobia é uma virtualidade imune à Psicanálise é o triste episódio da história da Psicanálise no Brasil. Nos anos 80, em uma mesa redonda na PUC- RJ, o episódio de Amilcar Lobo, o torturador candidato à analista da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, tornou-se público graças à revelação de uma ex-presença política da ditadura militar brasileira, Inês Etienne Romeu, e “pela denúncia pública, corajosamente assumida pelo psicanalista

<sup>5</sup> Refiro-me aqui, em particular, à Igreja Cristã Contemporânea (Brasil), fundada por dois pastores homossexuais que dividem seus argumentos a favor da tolerância em duas categorias: a) os escritos bíblicos proíbem muitas outras práticas que perderam a validade com a mudança de costumes, enquanto a

indignação seletiva sobre a escolha sexual permanece intocada até os dias atuais; b) a palavra *homossexual* é moderna, não se encontra nas escrituras. (Gláucio Faria e Thalita Pires, *Homofobia em preto e branco*, in: Fórum, n. 94. São Paulo. 2001)

Hélio Pelegrino” (KATZ, 1985 p. 263). No período mais duro e repressivo pelo o qual o Brasil já passou, conhecido como “anos de chumbo”, Lobo integrou a equipe de torturadores políticos do DOI-CODI. A participação ativa de um candidato à analista nas operações de tortura não era do desconhecimento de seu analista. Não bastasse isto, a SPBRJ fez vistas grossas a este fato, que fere a ética psicanalítica, em nome de uma pretensa neutralidade científica, e procedeu estritamente dentro dos critérios dos órgãos de repressão militar em um ato semelhante ao dos dirigentes da DPG em obediência ao Terceiro Reich. Instalou um processo inquisitorial contra a psicanalista Helena Viana por ter denunciado o ocorrido ao jornal argentino Voz Operária (KATZ, 1985. 195,224).

A verdade é que o valente ato desta analista abriu as portas para que muitos analistas pudessem mostrar o uso ignóbil que Amílcar fez, com requintes de perversidade e crueldade, da Psicanálise: levou-a aos porões do inferno, lá onde os rituais xenofóbicos da ditadura militar destruíam subjetividades e ceifavam vidas, em sua maioria jovens. Não há espaço para analisar profundamente esta página vergonhosa da história da Psicanálise no Brasil. Mas vale a pena destacar que o teor da denúncia feita na PUC não é diferente da

revelação de Seel nem daquelas dos sobreviventes do Holocausto. Estes são testemunhos que, por aportar uma posição ética frente à destruição, devem de ser lembrados nas instituições psicanalíticas sempre que eclodirem episódios xenofóbicos. Sejam eles chauvinistas, antifeministas, racistas, homofóbicos e todos aqueles respaldados em diagnósticos psiquiátricos a serviço das grandes indústrias farmacêuticas. Lembro aqui as palavras que Freud endereçou a Laforgue – “Aturde-me o fato de que os próprios analistas não sejam modificados por sua relação com a análise” (Freud, in Bourguignon, p. 27) – para enfatizar o quanto é difícil desviar o curso da xenofobia e da destruição que corre dentro de nossas instituições.

Ou seja: a Psicanálise é libertária, sim, mas poucos são os que se permitem viver a radicalidade de uma ascese contínua na direção ao mais além do próprio eu e das ideologias. Não seria esta uma das condições requeridas ao analista, em seu exercício de levar adiante a descoberta do país do Outro – O Inconsciente? Não caberia aqui retrair este conceito, mas apenas fazer notar que ele exige do psicanalista não se deixar seduzir, sob hipótese alguma, por qualquer política segregatória contra aqueles que lembram a falta no Outro.

BETTY BERNARDO FUKS é Psicanalista, Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida.



## REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, G. *Homo Sacer. o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- BRAININ, E. & KAMINER, J. Psicanálise e Nazismo. In: *Psicanálise e Nazismo*. (org. Chaim S. Katz). Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1985.
- BOURGIGNON, A. *O conceito de renegação em Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CECARELLI, P. R. *A invenção da homossexualidade*. In: [www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03\\_ceccarelli.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03_ceccarelli.pdf). Acesso em: 25.02.2012.
- CHEMOUNI, J. *Freud e o Sionismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- DERRIDA, J. *Mal d'archive, une impression freudienne*. Paris: Galilée, 1995.
- KATZ, C. S. Nazismo e Psicanálise: outras relações, In: *Psicanálise e Nazismo*. (org. Chaim S. Katz). Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1985.
- KOLTAI, C. *Política e psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.
- EDILIO DA SILVA. T. [www.pgletas.uerj.br/palimpsesto/num6/dossie6](http://www.pgletas.uerj.br/palimpsesto/num6/dossie6). Acesso em: outubro de 2009.
- FREUD, S. (1905) *Tres ensayos de la teoría sexual*. In: Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. v. 7.
- \_\_\_\_\_. (1909) *Análisis de la fobia de un niño de cinco años*. In: Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. v. 10.
- \_\_\_\_\_. (1930) *El malestar en la cultura*. In: Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. v. 21.
- \_\_\_\_\_. (1939) *Moisés y la religión monoteísta*. In: Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976. v. 23.
- FUKS, B. B. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- LACAN, J. *Proposition du 9 octobre 1967. Slicet 1*. Paris: Seuil, 1968.
- LEMÉRER, B. *Los dos Moisés de Freud (1914, 1939)*. Madrid: ediciones Serbal, 1999.
- LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOHMAN, H.M. & ROSENKOTTER, L. Psicanálise na Alemanha hitlerista. Como foi realmente. In: *Psicanálise e Nazismo*. (org. Chaim S. Katz). Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1985.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- SEEL, P. *Moi, Pierre Seel, Déporté homosexuel*, Paris: Calmann-Lévy, 1994.

## ACONTECIDOS

### Núcleo Barra Mansa (RJ)

*Encontro sobre a clínica: As Neuroses*

DATA: 14 DE SETEMBRO DE 2019  
DAS 10H ÀS 12H

LOCAL: LIVRARIA VEREDAS  
PONTUAL SHOPPING  
VOLTA REDONDA

É NECESSÁRIO  
FAZER INSCRIÇÃO.  
(24) 99865-5012

**VAGAS LIMITADAS!**

*Lavinia Brito*  
PSICÓLOGA, PSICANALISTA, MESTRE EM  
PESQUISA E CLÍNICA EM PSICANÁLISE PELA UERJ.  
PROFESSORA E SUPERVISORA DE ESTÁGIO EM  
PSICANÁLISE DA UBM-RJ. DIRETORA DO  
CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE  
NÚCLEO BARRA MANSÁ-RJ

*Pablo Bismarck*  
PSICÓLOGO, PSICANALISTA, MESTRE EM  
PSICANÁLISE, SAÚDE E SOCIEDADE PELA UVA-RJ  
ASSOCIADO DO CORPO FREUDIANO ESCOLA  
DE PSICANÁLISE-NÚCLEO BARRA MANSÁ-RJ  
COORDENADOR DO GRUPO DE ESTUDOS  
SOBRE PSICANÁLISE E O FEMININO.

@momentopsicanalise



@divadopsicanalista

### Núcleo Teresópolis (RJ)

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Teresópolis  
Formação Básica Módulo Inconsciente e Pulsão


SEMINÁRIO

**A ESTRUTURA DO INCONSCIENTE E A LINGUAGEM EM LACAN**  
com  
**Lucia Perez**  
Psicanalista, membro do Corpo Freudiano seção Rio de Janeiro

**SÁBADO**  
**14 setembro**  
**9h30 às 13h30**

**INSCRIÇÕES ABERTAS**

Local: Rua Heitor de Moura Estevão, 438 – Ed. Alda  
Várzea – Teresópolis, Rj  
Tel.: 98427-1847 teresopolis@corpofreudiano.com.br



## Seção Belém (PA)

**CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE  
SEÇÃO BELÉM**



**SEMINÁRIO**

*A Lei e a lei: uma leitura da Antigona de Sófocles* **2019.2**

Agostinho Ramalho (MA)  
psicanalista

**Início em:**  
02/09/19 (segunda)

**Inscrições:**  
91.98162.7230  
91.3199.4476

Vagas limitadas!

Sp Adobe Spark

## Seção São Luís (MA)

**CORPO FREUDIANO DE SÃO LUÍS  
APRESENTA**

**XII  
CAFÉ  
FREUDIANO**

*Da tela da TV às outras telas:  
dependências eletrônicas na infância*

Com o psicanalista e escritor  
William Amorim

Com a participação da escritora  
Roseana Murray (RJ)  
e da cantora Tássia Campos

Sábado, dia 10 de Agosto  
Na Amei do São Luís  
Shopping  
Das 10h às 12h  
Entrada Franca!





## Seção Campos dos Goytacazes (RJ)

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE  
SEÇÃO CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

# JORNADA PREPARATÓRIA

Dia 31 de agosto às 9:00h  
Local: Corpo Freudiano

### Programação:

<p>▪ <b>1ª Mesa: 9:00 às 10:15</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A mercantilização da subjetividade: alguns rascunhos - <i>Simone Medina</i></li> <li>▪ Que gozo é esse? (A) Mulher na contemporaneidade - <i>Eduarda Ribeiro</i></li> <li>▪ Infância generalizada e segregação: o sujeito como objeto de gozo do Outro - <i>Germano Quintanilha</i></li> </ul>	<p>▪ <b>2ª Mesa: 10:15 às 11:00</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Escrita poética e psicanálise – um traçado – <i>Eleonora Chacur Naked</i></li> <li>▪ Experiência analítica e o saber: algumas considerações - <i>Cristiany Abreu</i></li> <li>▪ <u>Intervalo para o lanche: 11:00 às 11:30</u></li> </ul> <p>▪ <b>3ª Mesa: 11:30 às 12:15</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Hereditariedade e Repetição no ato suicida: uma abordagem psicanalítica - <i>Denise Gondim</i></li> <li>▪ Há algo de novo na psicose? - <i>Lucas Guilherme Fernandes</i></li> </ul>
--	---



## Seção Cuiabá (MT)



**CORPO FREUDIANO  
ESCOLA DE PSICANÁLISE**  
Seção Cuiabá

### SEMINÁRIO PERVERSÕES

com Marco Antônio Coutinho Jorge

Psicanalista Fundador e Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. É professor Associado do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Procientista da UERJ. Médico psiquiatra. Doutor em Comunicação e Cultura. Membro da Associação de Psicanálise Instance (Paris/Bruxelas). Membro da Sociedade Internacional de História e Psicanálise (Paris). Membro da Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro. Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria.

**DATA**  
14/09/2019

**HORÁRIO E LOCAL**  
9h-13h  
Incluso Coffee Break, às 11h  
Rua 24 de outubro, nº 216

**INSCRIÇÕES**  
Via link na descrição  
Estudante R\$ 60,00  
Profissionais R\$ 120,00

**OBSERVAÇÕES**  
- As inscrições só serão validadas após o envio de comprovante de depósito por WhatsApp ou e-mail.  
  
- A conta para depósito é informada ao finalizar a inscrição

**CONTATO**  
corpofreudiano.secaocuiaba@gmail.com  
Yasmin Chacur - 99994-9858  
Vanessa Proença - 98127-6861

## Núcleo Nova Friburgo (RJ)

**NÚCLEO NOVA FRIBURGO  
SEMINÁRIO**



# PER VERSÃO

*Marco Antonio Coutinho Jorge*



**24  
AGO**

**9H30 às 13H30**  
Auditório da Universidade  
Estácio - R. José Acurcio  
Benigno, 116 - Braunes

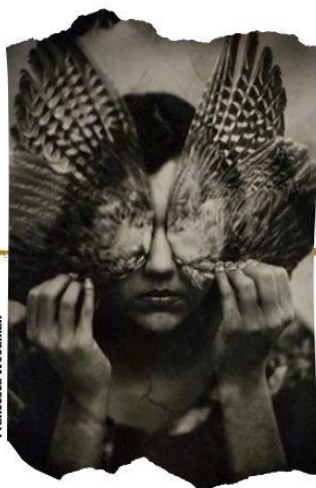
Lançamento do Livro **TRANSEXUALIDADE**  
com venda de livros do autor no local.

## Seção Fortaleza (CE)



Corpo Freudiano / Fortaleza

CONFERÊNCIA  
**COMEMORANDO OS 100 ANOS DE  
 “O ESTRANHO” DE FREUD**



Por

**Marco Antonio Coutinho Jorge**

Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – RJ; Professor da UERJ

Correalização: Laboratório de Psicanálise da UFC  
 Local: Ideal Clube – Salão Humberto Cavalcante  
 Data: 17 de agosto de 2019, às 10h  
 Informações e inscrições: 3366 7727  
[bit.ly/conferenciaoestranho](http://bit.ly/conferenciaoestranho)  
[ufcfreud@terra.com.br](mailto:ufcfreud@terra.com.br)

## Núcleo Vassouras (RJ)



Corpo Freudiano Escola de Psicanálise  
 – núcleo Vassouras apresenta:

**PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE**

**A IMPORTÂNCIA DA FALA NA  
 PSICANÁLISE E A SUA AFINIDADE COM  
 O PROGRAMA DE DOZE PASSOS DE  
 ALCOÓLICOS ANÔNIMOS**

Apresentação de Ana Lúcia Cavalcanti de Azevedo Silva  
 Organizado por Lorraine Vilela e Roberta Barbosa

**VAGAS LIMITADAS**

Investimento: R\$ 40,00

Certificado com carga horária de 3 horas

Data: 31/08/19

Horário: 9 horas

Local: Rua Caetano Furquim, nº 266 - Vassouras

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise -  
 núcleo Vassouras convida ao:

**SARAU**

**“AMOR: UM NÃO SEI QUÊ, QUE  
 NASCE NÃO SEI ONDE, VEM  
 NÃO SEI COMO E DÓI NÃO SEI  
 POR QUÊ”**

Com Nadiá Ferreira, Macla Nunes e Edson  
 Barbosa Da Silva

**VAGAS LIMITADAS**

Data: 17/08/19

Horário: 16 horas

Local: Centro Cultural Cazuza - R. Custódio  
 Guimarães, 65 - Centro, Vassouras

## Seção Paris (Fr)

Invitation au

### LABORATOIRE DU CONCEPT

Dimanche 15 septembre 2019  
de 14 h à 16h  
sur « **La pulsion** »

Lieu: Le fil rouge, Paris 13ème  
Galerie théâtrale tisseuse de liens  
4, rue Wurtz, 75013 Paris  
Accès: M° Corvisart ou Glacière (L. 6) - Bus 21 57  
62 67 88

Lors de cette rencontre chaque participant est invité à interroger à sa façon le concept en question. Pour cet atelier, nous voudrions nous arrêter sur l'idée de haine. Chacun pourra, en se plaçant justement à l'écoute de la parole des autres, s'exprimer, poser ses questions et donner des suggestions à partir de sa propre expérience d'analyste, d'analysant et de vie.

Les dates des prochains laboratoires:

- Dimanche 15 septembre 10h30 à 16h
- Dimanche 13 octobre 10h30 à 16h
- Dimanche 24 novembre 2019 de 10h30 à 16h
- Dimanche 19 janvier 2020 de 10h30 à 16h
- Dimanche 15 mars 2019 de 10h30 à 16h
- Dimanche 26 avril 2020 de 10h30 à 16h
- Dimanche 17 mai 2020 de 10h30 à 16h
- Dimanche 21 juin 2020 de 10h30 à 16h

Le désir de l'Association Corpo Freudiano est de redonner à ces concepts leur force actuelle et vivante. « La pensée de Freud est la plus perpétuellement ouverte à la révision. C'est une erreur de la réduire à des mots usés. Chaque notion y possède sa vie propre... » J. Lacan (Les écrits techniques de Freud 1953-1954).

Lien & <https://www.facebook.com/corpoFreudianofrance/?ref=settings>

Renseignements et inscriptions : Tél.: 0750603466

ou courriel: [cristianecardoso13@gmail.com](mailto:cristianecardoso13@gmail.com)

## Seção Rio de Janeiro (RJ)

**CORPO FREUDIANO**  
ESCOLA de PSICANÁLISE  
SECÇÃO RIO DE JANEIRO

**CINECORPO**  
convidados, psicanálise e cinema



Convidamos para a exibição do filme **A IGUALDADE É BRANCA** (1994) no dia 20 de setembro de 2019, sexta-feira, às 18:30hs, seguida dos comentários de **PEDRO BROCCO**, psicanalista associado ao Corpo Freudiano.

**SINOPSE:** "Após se divorciar na França da mulher que ama, Dominique (Julie Delpy), um polonês (Zbigniew Zamachowski) volta ao seu país de origem disposto a ganhar muito dinheiro para poder se vingar do grande amor da sua vida." A impressionante Trilogia das Cores de Krzysztof Kieslowski, inspirada nas cores e nos duzentos anos da Revolução Francesa, nos brinda com um retrato da Europa do início dos anos 1990 e maneja as mais profundas e sutis estruturas do ser humano. O filme escolhido para o próximo CineCorpo, "A igualdade é branca", segundo da Trilogia, passela por conceitos caros à psicanálise, como masoquismo, perversão, angústia, desejo, amor, gozo e uma curiosa aceção de "O Estranho", que este ano completa cem anos. É a nossa aposta para uma transferência de trabalho que aponta para o IX Encontro Nacional em novembro. Sejam todos bem-vindos!  
Coordenação: Julio Braga

Não Há Nada Mais Doce Como a Vingança.

JULIE DELPY ZBIGNIEW ZAMACHOWSKI

# A IGUALDADE É BRANCA

(Three Colors White)



DVD

UN FILM DE KRZYSZTOF KIESLOWSKI

Rua Hermenegildo de Barros, 27 - Metrô Glória - Rio de Janeiro - RJ - ENTRADA FRANCA



QUERIDOS COLEGAS DO CORPO FREUDIANO,

Estamos completando 25 anos de fundação e vamos festejar.  
A comemoração será no dia 31 de agosto, de 19 às 23 horas

Local: Galeria Villa Aymoré  
Ladeira da Glória, 26 – Próximo ao Metrô Glória

**RSVP** [corpofreudiano25@gmail.com](mailto:corpofreudiano25@gmail.com)  
Confirme sua presença até o dia 25 de agosto.  
O acompanhante pagará R\$ 50,00 na secretaria.



## Editora CRV

e o autor da obra  
convidam para  
o lançamento do livro:

## VARIAÇÕES DO VER: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E NIETZSCHE



### Autor

Bruno W. Santana

### Sobre a obra:

No que a clínica psicanalítica e a filosofia de Nietzsche poderiam se articular? A presente obra traça um itinerário conceitual paralelo entre eles, permitindo apontar uma afinidade ética imanente a cada um dos respectivos campos. Em Nietzsche, o mundo como vontade de potência se espalha para além do humano e o coage a ter de se a ver com o problema da falta de um sentido último para a vida, nihilismo que numa torção trágica se torna criador de novos valores. Do mesmo modo, na psicanálise a pulsão encaminha o sujeito para além do eu, forçando-o a ter de se a ver com a queda dos seus ideais, com o que do real escapa ao sentido e cobra-lhe um deslocamento subjetivo, dirigindo-se então para além do que diz a Lei dos seus sintomas.

23 . AGOSTO . 2019 19H

LIVRARIA DA TRAVESSA IPANEMA

f /editoracr  
@editoracr

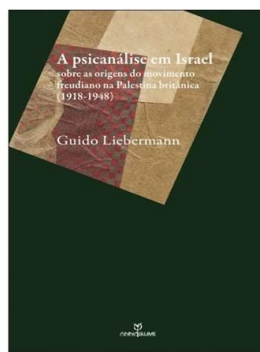
(41) 3039-6418  
sac@editoracr.com.br  
editoracr.com.br



Informações e experiências  
por um mundo melhor



## CORPOFREUDIANORIO



### CONVITE

para Conferência e lançamento do livro

*A psicanálise em Israel: sobre as origens do  
movimento freudiano na Palestina Britânica  
(1918-1948)*

Editora Annablume

de Guido Liebermann

*Psicanalista, Membro da Sociedade Internacional  
de História da Psiquiatria e da Psicanálise*  
Quarta-feira, 25 / 09 / 2019, às 19:30h

Debatedores:

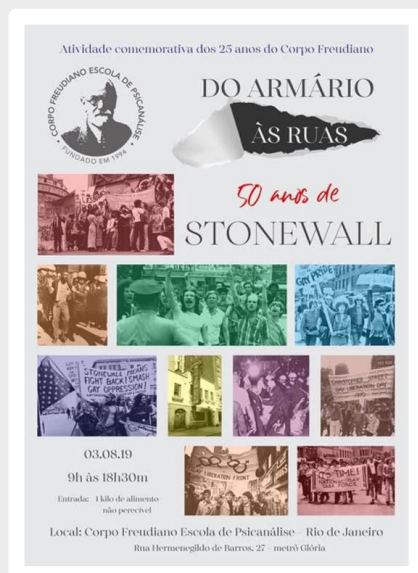
Macla Nunes

Marco Antonio C. Jorge

Local:

Sede do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro  
Rua Hermenegildo de Barros, 27 Metrô Glória.





Nos Estados Unidos, as batidas policiais em bares gays eram uma rotina na década de 1960. Porém, no dia 28 de junho de 1969, as agressões culminaram na *Revolta de Stonewall*, quando os frequentadores do bar *Stonewall Inn*, localizado na região do Greenwich Village, em Nova Iorque, reagiram vigorosamente contra a violência policial. Desde então, diversas organizações ativistas gays foram fundadas e o dia 28 de junho passou a ser conhecido como o Dia do Orgulho LGBTQ+.

Cinquenta anos se passaram desde a data histórica que marcou a tomada de posição dos homossexuais na cultura contemporânea, muitos avanços em relação à conquista da igualdade de direitos ocorreram, mas os elevados índices de

violência contra essa população indicam que o intenso repúdio à homossexualidade está presente até os dias de hoje.

Em 2017, surgiram na Rússia denúncias sobre a existência de campos de concentração para homossexuais. No Irã, onde a homossexualidade é considerada crime – com punição que pode chegar à pena de morte –, desde 2014 passou a ser pregada a ideia de que existem pessoas com “a alma presa em um corpo errado”. A alternativa para escapar da pena de morte é a “adequação” do sexo e do corpo que visa corrigir o “erro da natureza”; uma medida heteronormativa, incentivada pelo governo e clérigo. Recentemente, em Brunei – pequeno país do sudeste asiático onde a homossexualidade é considerada crime – a punição, que era de até dez anos de prisão, passou a ser o apedrejamento até a morte. Atualmente, a homossexualidade é considerada crime em nada menos do que 74 países.



O termo homofobia, corriqueiramente utilizado para falar do preconceito contra homossexuais, pode ser questionado por conotar uma atitude passiva de fuga e medo, uma vez que atos cometidos contra homossexuais são violentos, covardes e muitas vezes com requinte de crueldade. Homofobia talvez deva ser reservado ao sentido da rejeição da própria homossexualidade, ou seja, da *homofobia internalizada* e *homódio* parece ser um termo

mais preciso para nomear o repúdio à homossexualidade na cultura.

A prática da psicanálise está voltada para a obtenção da diferença absoluta de cada sujeito. Seus conceitos – pulsão, inconsciente, bissexualidade, escolha de objeto, imaginário, fantasia – fornecem elementos para o reconhecimento da legitimidade radical da diversidade sexual e a subversão da moral hipócrita vigente nas culturas ultraconservadoras. Comemorar *Stonewall* é, portanto, um convite à reflexão a partir de nossa posição ética.



Aguardamos vocês!

Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos



Data: 03 de agosto de 2019

Local: Rua Hermenegildo de Barros, 27 Glória

Entrada: doação de um quilo de alimento não perecível que será doado aos integrantes do Projeto Divines, realizado pelo Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT.

## Núcleo São Paulo (SP)

### Corpo Freudiano - SP convida: 22 de agosto

Não são poucas as situações em que a psicanálise é convocada a rever seu instrumental teórico e metodológico. Na prática clínica, os momentos de crise e os estados de desorganização do aparelho psíquico podem produzir profundos abalos na cadência da vida pulsional, exigindo do psicanalista uma capacidade de reinvenção da sua forma de trabalho. Algumas perguntas se fazem necessárias: como se dá o manejo clínico quando os recursos da palavra e da interpretação, além de não bastar, podem atrapalhar o contato com o paciente? De que maneira as impressões sensoriais, experimentadas no corpo do terapeuta, podem servir como instrumentos norteadores no contato com o sujeito em crise? Diante desses estados regredidos, o que estaria em questão?

Rodrigo Veinert - psicólogo e psicanalista, coordenador da equipe de Acompanhamento Terapêutico do Hospita Dia / Instituto A Casa. Coordenou o SRT (Serviço Residencial Terapêutico) do Butantã por 2 anos. Trabalha como AT desde 2001.

Corpo Freudiano Escola de Psicanálise  
Núcleo São Paulo - SP

horário: 20h30 as  
22h30

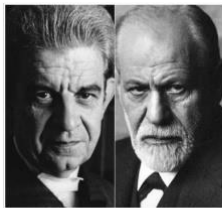
ATENÇÃO!  
LOCAL: Instituto  
da Criança e do  
Adolescente  
do Hospital  
das Clínicas da  
FMUSP.

Anfiteatro  
Térreo.  
Avenida Dr.  
Enéas de  
Carvalho Aguiar,  
647

Portaria 2 -  
Cerqueira César,  
São Paulo- SP  
valor: R\$50,00



COORDENAÇÃO:  
Amanda T. Rizzo  
Daniel H. Roizman



**ATIVIDADES CLÍNICO-TEÓRICAS EM PSICANÁLISE, FREUD E LACAN**

Programação de agosto de 2019  
Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Núcleo São Paulo

**08/08: \*Seção Clínica**  
**Apresentação:** Erika Parlatto-Oliveira  
Psicanalista. Mestre em Linguística (UNICAMP), Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Doutora em Ciências Cognitivas e Psicolinguística (LSCP - Paris). Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG e orientadora de Doutorado do Programa Estudos Psicanalíticos da Universidade de Paris (Paris 7).  
Co-coordenadora Regional do PREAT-Brasil. Membro do C.A. da Associação La Cause des Bébés. Co-coordenadora do curso de Pós-Graduação "Psychisme face à la naissance" do Hospital Necker Enfants Malades. Membro do Comitê de Pesquisa da Sociedade Francesa de Psiquiatria. Diretora da Coleção "Começos e tropeços na Linguagem".  
**Comentário:** Adela Judith Stoppel de Gueller  
Psicanalista. Professora e Coordenadora do Departamento de Psicanálise com crianças no Instituto Sedes Sapientiae. Professora do curso de Teoria Psicanalítica na COGEAE-PUC-SP. Co-Autora de Atendimento psicanalítico de gêmeos. Zagdoni Ed. e Psicanálise com Crianças: perspectivas teórico-clínicas. Ed. Casa do Psicólogo entre outras publicações.

**15/08: \*Módulo de leitura:**  
\* Seminário 5 Formações do Inconsciente- Jacques Lacan - 5 cap. 8 e 9

**22/08: \*Produção e Estilo em Psicanálise:**  
\* Convitado: Rodrigo Veinert – "As intensidades pulsionais e as reverberações no corpo do analista"

**29/08: \*Módulo de leitura:**  
\* Seminário 5 Formações do Inconsciente- Jacques Lacan - cap. 10 e 11

**Seção Clínica:**  
**Responsável:** Maria Tereza Martins Ramos Lamberte  
Psiquiatra e Psicanalista do Hospital Pediátrico Instituto da Criança e do Adolescente  
Departamento de Pediatria do HC FM USP  
Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo São Paulo

**Módulo de Leitura:**  
**Responsável:** Mário Eduardo Costa Pereira  
Psiquiatra e Psicanalista. Professor do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP. Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise- Núcleo São Paulo.

**Produção & Estilo em Psicanálise**  
**Responsáveis:** Amanda Teixeira Rizzo e Daniel Hamer Roizman  
Psicanalistas. Membros do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - SP

**HORÁRIO:** 20h30 às 22h30

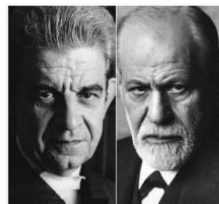
**LOCAL:** Instituto da Criança e do Adolescente- Anfiteatro Térreo. Avenida Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 647 – PORTARIA 2 - Cerqueira César- São Paulo

Entrada gratuita para comunidade ICR HC FM USP;

taxa para demais participantes:  
Valor: 50,00 (inscrições em dinheiro no local)

Mais informações: teresalamberte@uol.com.br / (011) 99147-9144 (Whatsapp)

**APOIO:**



**ATIVIDADES CLÍNICO-TEÓRICAS EM PSICANÁLISE, FREUD E LACAN**

Programação de setembro de 2019  
Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Núcleo São Paulo

**Seção Clínica:**

**Apresentação:** Paul Kardous  
Psicanalista, psicólogo, mestre em Comunicação em Semiótica PUC-SP. Curso psicologia clínica e psicopatologia na Paris V Sorbonne-Atuou como professor de Psicologia do Usuário na Faculdade FAAP. Professor da Pós-Graduação da PUC-SP, prof. colaborador pós-graduação da ECA-USP, da Psicanálise- Associação Livre; membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Experiência clínica desde 1987 em seu consultório particular como psicanalista. Autor do Livro "Imatúridade Sexual - O Real, O Simbólico e o Imaginário", Casa do Psicólogo; co-autor do livro: "Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura", organizado por Lucia Santaella e Fani Higai, Iluminuras; co-autor do livro: "Amor, desejo e gozo", editora Calligraphie.  
**Comentários:** Rodolpho Ruffino  
Psicanalista. Graduado em Psicologia. Pós-graduado em Filosofia. Mestre em Psicologia. Cursos estudos Avançados em Judaísmo. Professor Universitário. Ensaista (entre seus ensaios destacam-se, pela originalidade conceitual, uma série, publicada entre os anos de 1994 e 2005, consagrada à adolescência entendida como operação psíquica). Membro do Corpo Freudiano- Escola de Psicanálise Núcleo SP.

**Produção & Estilo em Psicanálise**

**Comitido:**  
**Herman Siculer -**  
"Acerca da plasticidade diagnóstica na clínica psicanalítica" - Herman Siculer Psicólogo pela Universidade de Buenos Aires Atende como psicanalista em São Paulo e em Santos

**05/09: \*Módulo de leitura:**  
\* Seminário 5 - cap.11 e 12

**12/09: \*Seção Clínica**

\* Apresentação: Paul Kardous  
Comentários: Rodolpho Ruffino

**19/09: \*Módulo de leitura:**  
\* Seminário 5 - cap.13 e 14

**26/09: \*Produção & Estilo em Psicanálise**

\* Convitado: Herman Siculer -  
"Acerca da plasticidade diagnóstica na clínica psicanalítica"

**Seção Clínica:**  
**Responsável:** Maria Tereza Martins Ramos Lamberte  
Psiquiatra e Psicanalista do Hospital Pediátrico Instituto da Criança e do Adolescente  
Departamento de Pediatria do HC FM USP  
Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo São Paulo

**Módulo de Leitura:**  
**Responsável:** Mário Eduardo Costa Pereira  
Psiquiatra e Psicanalista. Professor do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP. Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise- Núcleo São Paulo.

**Produção & Estilo em Psicanálise**  
**Responsáveis:** Amanda Teixeira Rizzo e Daniel Hamer Roizman  
Psicanalistas. Membros do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - SP

**HORÁRIO:** 20h30 às 22h30

**LOCAL:** Instituto da Criança e do Adolescente- Anfiteatro Térreo. Avenida Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 647 – PORTARIA 2 - Cerqueira César- São Paulo

Entrada gratuita para comunidade ICR HC FM USP;

taxa para demais participantes:  
Valor: 50,00 (inscrições em dinheiro no local) – POR ENCONTRO

Informações: (11) 99147-9144

**APOIO:**



**Módulo de leitura:**  
**SEMINÁRIO 5**  
**CORPO FREUDIANO SÃO PAULO**  
**AS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE**  
CAPÍTULOS 11 E 12  
coordenação: Mário Eduardo Costa Pereira  
data: quinta-feira, 05 de setembro  
atividade quinzenal  
horário: 20h30 as 22h30  
**ATENÇÃO!**  
**LOCAL:** Instituto da Criança e do Adolescente do Hospital das Clínicas da FMUSP.  
Anfiteatro Térreo.  
Avenida Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 647  
Portaria 2 - Cerqueira César, São Paulo- SP  
valor: R\$50,00 (pagamento em dinheiro no local)

**SIMPÓSIO**  
**PSICOPATOLOGIA HOJE: DESAFIOS DA ATUALIDADE**

14/09/2019 (sábado)  
das 9h às 12h30 e das 14h às 16h.  
Sócio Associação de Psiquiatria, Psicologia e Clínica do Hospital das Clínicas - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo

**Programa de manhã**  
9h-10h: Abertura e Sessão de Início com o tema "Desafios da Psicopatologia Atual" - Palestra de Início  
10h-11h: Mesa-redonda: "Desafios da Psicopatologia Atual" - Palestra de Início  
11h-12h: Sessão de Trabalho em Grupos

**Programa de tarde**  
14h-15h: Mesa-redonda: "Desafios da Psicopatologia Atual" - Palestra de Início  
15h-16h: Sessão de Trabalho em Grupos

**Programa de noite**  
19h-20h: Sessão de Trabalho em Grupos  
20h-21h: Sessão de Trabalho em Grupos  
21h-22h: Sessão de Trabalho em Grupos

**Local:** Anfiteatro Térreo do Hospital das Clínicas - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) - São Paulo

**Valor:** R\$50,00 (pagamento em dinheiro no local)

**CORPO FREUDIANO- SP  
CONVIDA:**

**“VARIÇÕES PSICANALÍTICAS  
SOBRE A VOZ E A PULSÃO  
INVOCANTE”.**

**Palestra e lançamento do livro de Jean-  
Michel Vivès: “Variações psicanalíticas  
sobre a voz e a pulsão invocante”, Editora  
Contracapa**

**Comentários : Mário Eduardo Costa Pereira  
seguido de discussão com o público**

Jean-Michel Vivès é Psicanalista. Professor Titular de Psicologia  
Clínica e Psicopatologia na Universidade de Nice Sophia-Antipolis,  
membro da Association Insistance. Membro do Corpo Freudiano  
Seção Rio de Janeiro.

**QUINTA-FEIRA 03 DE OUTUBRO**

**HORÁRIO: 20H30 AS 22H30**  
**ATENÇÃO!**  
**LOCAL: INSTITUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE  
DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FMUSP.  
ANFITEATRO TÉRREO.  
AVENIDA DR. ENÉAS DE CARVALHO AGUIAR, 647  
PORTARIA 2 - CERQUEIRA CÉSAR, SÃO PAULO- SP  
VALOR:RS50,00 (PAGAMENTO EM DINHEIRO NO LOCAL)**

## Núcleo Dourados (MS)

**ESCOLA DE PSICANÁLISE CORPO FREUDIANO NÚCLEO DOURADOS-MS**

*FORMAÇÃO PERMANENTE*

**Tema: amor, desejo e gozo**

*Nadía Paulo Ferreira*

**Mini curriculum**  
Nadía Paulo Ferreira é psicanalista e professora titular de literatura portuguesa da UERJ, desde 1972. Participou da primeira instituição psicanalítica brasileira de orientação lacaniana criada em 1975. Editora de O Marrare: Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa (Rio de Janeiro: UERJ), desde a data de sua fundação (2001) até 2012. Escreveu, em colaboração com Marco Antonio Coutinho Jorge, os volumes Freud: criador da psicanálise (Rio de Janeiro: Zahar, 2002) e Lacan, o grande freudiano (Rio de Janeiro: Zahar, 2005). É membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro Escola de Psicanálise, Instituição-membro de Convergencia/Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana. Além de vários artigos publicados em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais, é autora de Poesia barroca: antologia do século XVII em língua portuguesa (Rio de Janeiro: Ágora da ilha, 2000); Psicanálise e nosso tempo, em colaboração com Marina Machado Rodrigues (Rio de Janeiro: Ágora da Ilha 2002); A teoria do amor (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003); Amor, ódio & ignorância (Rio de Janeiro: FAPERJ, Contra Capa, 2005); Cancioneiro da poesia barroca em língua portuguesa (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006) O amor na literatura e na psicanálise (Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008, Disponível em: [HTTP://www.dialogarts.uerj.br/OAmorNadia.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/OAmorNadia.pdf)); Malditos, Obscenos e Trágicos (Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013). Histeria: o caso Dora em colaboração com Marcus Motta (Rio de Janeiro: Zahar, 2014).

**As aulas serão transmitidas via skype.**

**Duração de 2 horas cada aula.**

**Início: 17:00 horas**

**Término: 19:00 horas**

Os valores abaixo, são referentes a cada encontro:

**Membros da escola: R\$ 50,00**

**Não Membros: R\$ 80,00**

*Local: Rua Nelson de Araújo, 605 - 1º andar - sala 05*

**DATAS**  
26 de julho  
30 de agosto  
27 de setembro

  
NÚCLEO DOURADOSMS